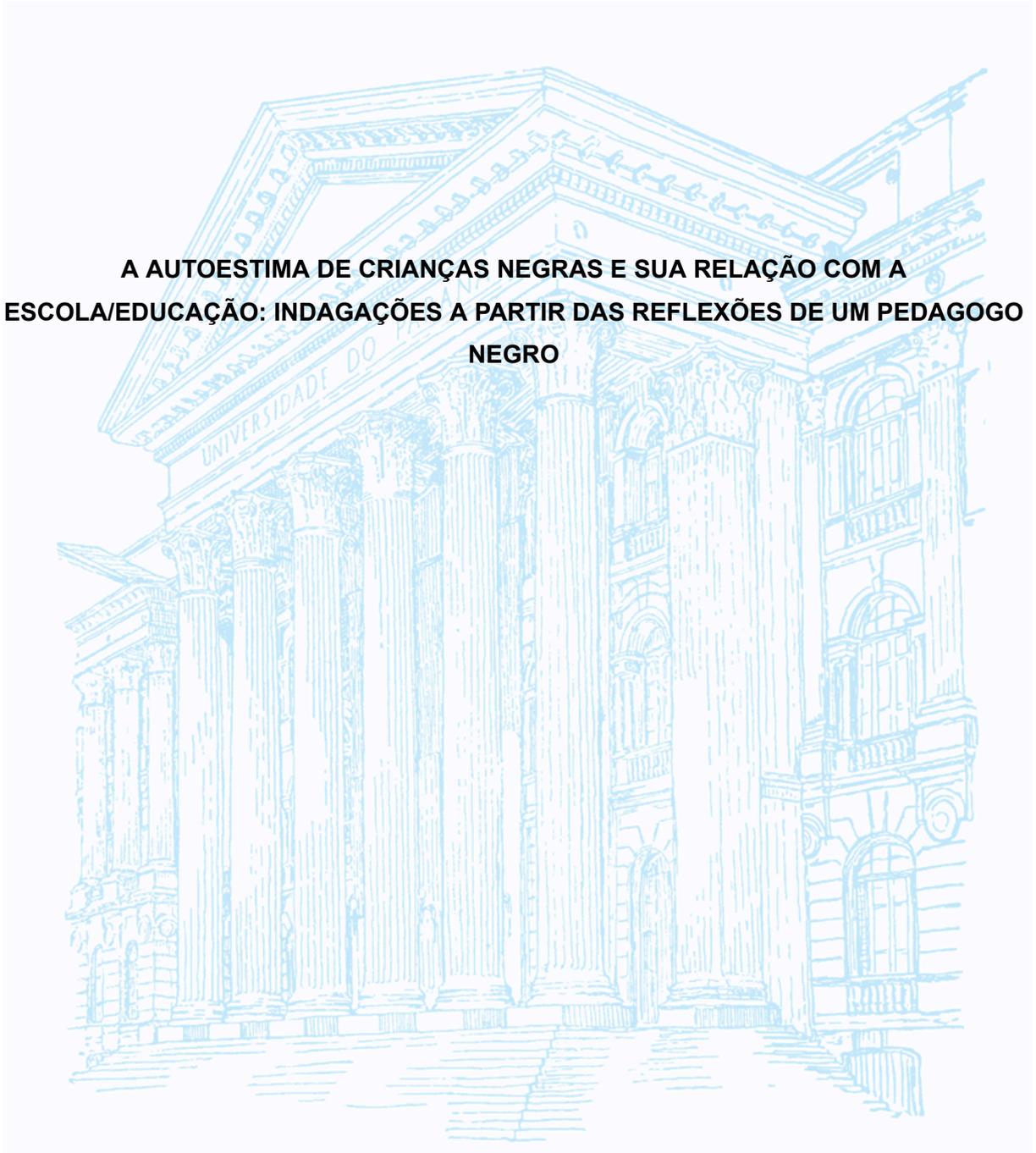


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ BERTÚLIO

**A AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS E SUA RELAÇÃO COM A
ESCOLA/EDUCAÇÃO: INDAGAÇÕES A PARTIR DAS REFLEXÕES DE UM PEDAGOGO
NEGRO**



CURITIBA

2024

ANDRÉ BERTÚLIO

**A AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS E SUA RELAÇÃO COM A
ESCOLA/EDUCAÇÃO: INDAGAÇÕES A PARTIR DAS REFLEXÕES DE UM PEDAGOGO
NEGRO**

**TCC apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia. Curso de Graduação em
Pedagogia, Setor de Educação, Universidade
Federal do Paraná, Orientadora: Prof(a). Dr(a).
Bruna Moraes Battistelli.**

**CURITIBA
2024**

À todas as mães, pais, avós, avôs, tios, tias, irmãs e irmãos, filhas e filhos, amigas/os, tutores, profissionais, entidades não governamentais e coletivos que precisam da luta antirracista para proteger a si e aos seus/suas. Esta dedicatória se sensibiliza com todos aqueles que perderam alguém para o racismo, à todos aqueles que protegem alguém contra o racismo.

AGRADECIMENTOS

À minha família. Juntos enfrentamos o racismo. Construimos relações de cumplicidade e amor. Nossas eternas crianças são nossas motivações maiores. Sarah, minha filha, além de colaborativa, já combativa e alerta, me forneceu alguns livros de sua biblioteca. Pedro, meu filho, seus diálogos, ajuda e pontos de vista foram importantes. Ana, minha esposa, parceria e apoio, sempre visitando a biblioteca e garimpando livros fundamentais a este trabalho, antes mesmo de eu saber que precisava.

Meus pais, Lúcia, Waldir e seus pares de vida Vera e Faye, sem palavras, obrigado! Minha mãe, sempre “saqueei” sua biblioteca, conversas e suas consequentes sugestões de livros e leituras. Meu pai, “fábrica” de conteúdos, sempre disponível para as conversas e necessárias interlocuções. A trajetória de vocês é inspiração raiz para a abordagem deste tema, seria impossível ser diferente.

Saudade de meus avós, Teodora, Dirce, Adil e Waldomiro, o convívio e histórias de família os colocaram como referências, fornecendo elementos fundamentais para conquistarmos nossos espaços apesar das adversidades. Cresci convivendo com meus tios e tias, acolhimento e muitas conversas, histórias de vida e de lutas.

Aos meus sogros, Mariza e Jailton-(saudade), anos de longas conversas, histórias e narrativas, aprendi mais sobre os mundos que eu não conhecia.

Tive a sorte de tê-los, todos, como exemplo de acolhimento, aglutinadores de pessoas, ideais e zona de conforto, segurança.

À minha irmã e irmãos, Maria Clara, Daniel e Waldir Segundo, irmandade - parcerias, diálogos e lutas em comum, partilhadas também com seus pares. Meus primos e primas, Carlos e nossos imensos diálogos.

As nossas histórias também nos unem no convívio com preconceitos. O pertencimento sempre fortalece a autoestima.

Aos meus amigos, de vida, de curso, de turma e de trabalhos, vocês são parte deste processo.

Agradeço à educação pública, às linhas possíveis de pesquisa. As coordenações, técnicos, e coordenadoras, pelas orientações e caminhos. À Rosa pela atenção e auxílio com minhas matrículas. A todas as professoras/es, que me deram subsídios para encontrar na pedagogia, uma paixão.

À minha orientadora Bruna, salve a prática, amorosidade, acolhimento, conteúdos, conversas e pelo trabalho de escuta e compartilhamento que envolveu as turmas. Nos tornamos mais abertos, alertas e mais aptos a compartilhar. Motivação, suporte e direcionamento acima de qualquer contexto ou contingência, ações que constroem ações.

Obrigado a todos com imenso carinho e admiração.

O racismo cultural, que por sua vez conta com elementos do racismo individual e institucional, pode [...]
(BERTÚLIO, 2019. p. 92)

[...] racismo, o machismo e a homofobia criam barreiras e incidentes concretos de discriminação.
(HOOKS, 2021. p.85)

[...] e o amor, nosso verdadeiro destino.
(HOOKS, 2021. p. 226)

RESUMO

A autoestima é fator importante na constituição da identidade, que é elemento fundamental na construção da autoestima negra. O racismo danifica a autoestima da raça negra, a nível social e individual, de forma a se somarem e se materializarem em danos (em grande medida) irreversíveis às crianças, jovens e adultos. Considerando o racismo, trabalhar a importância da reflexão acerca da autoestima da raça negra – com ou sem senso de pertencimento – e suas relações com a educação, contribui com uma abordagem dialógica e libertária de letramento racial para todos os atores sociais envolvidos e atendidos na educação formal. Proponho conduzir a discussão, dialogando com uma perspectiva de narrativa (auto)biográfica e trazendo recortes intencionalmente dialógicos que suportam o tema na perspectiva de embasar sua importância e desenvolvimento em recortes temporais, geográficos e contextuais. Este cenário aproxima e traz à luz argumentos e diálogos para contribuir de forma positiva com um dos vieses sob os quais o racismo e a educação se interseccionam: a autoestima. No contexto pedagógico, há ganhos que destaco: o letramento racial, a proteção à criança, o combate ao racismo e a construção de identidades e relações, pelas vias da educação formal em todos os níveis. De forma estrutural, o que é trabalhado na educação formal tende a ter grande impacto, a longo e médio prazo, na construção de uma sociedade antirracista. A criança de ontem é o adulto de hoje.

Palavras-chave: racismo; autoestima; educação; crianças; identidade.

ABSTRACT

Our self-esteem is an important factor within identity constitution, which is a fundamental element in the construction of black self-esteem. Racism hurts black people's self-esteem, on a social and individual level, in ways that add up and materialize into (mostly) irreversible damage to the children, the young, the adults and the elderly. Considering racism, working on the importance of reflecting upon the black self-esteem – with or without the sense of belonging – and their relations with education contributes to a dialogic and libertarian approach to racial literacy for all involved and attended social actors in formal education. I propose conducting a discussion, dialoguing with an (auto)biographic narrative perspective and bringing intentionally dialogical frames that support the theme, in the perspective of substantiating its importance and development in timewise, geographical and contextual frames. This scenario approximates and sheds light on arguments and dialogues meant to contribute in a positive manner to one of the perspectives where racism crosses with education: self-esteem. In the pedagogical context, there are certain gains which I highlight: racial literacy, child protection, the fight against racism and the construction of identities and relations, through formal education in all levels. Structurally, what formal education works on tends to have great impact, in medium and long term, in the construction of an antiracist society. Yesterday's child is today's adult.

Key-words: racism; self-esteem; education; children; identity.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	AUTOESTIMA: APROXIMAÇÕES	12
2.1	AUTOESTIMA ENQUANTO COMPARTILHAMENTO, CONSTRUÇÃO INDIVIDUAL E SOCIAL.....	17
2.2	INFÂNCIA, RESPONSABILIDADES E O RACISMO EM PERSPECTIVA DA AUTOESTIMA.....	18
2.3	RACISMO E SUAS RELAÇÕES COM AUTOESTIMA, COM AS EMOÇÕES, EXCLUSÕES E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.....	19
2.4	IDENTIDADES E AUTOESTIMA: CONSTRUÇÕES.....	21
2.5	AS CRIANÇAS INTERIORES DEVEM SER INCLUÍDAS EM NOSSAS PERCEPÇÕES, NOS CONECTAMOS COM ELAS ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, NARRATIVAS.....	25
2.6	ENTRE AS MEMÓRIAS, NARRATIVAS: PROCESSO METODOLÓGICO E DE CONSTRUÇÃO DO TCC.....	26
3	DA IDENTIDADE AO AUTOCUIDADO, PRÁTICAS DE CASA PARA A ESCOLA	28
3.1	QUEM DECIDE QUE VOCÊ VAI OU NÃO SOFRER RACISMO.....	29
3.2	AÇÕES CONSTRÓEM SIGNIFICADOS E A PROTEÇÃO À AUTOESTIMA DEVE SE ADAPTAR - DO AMOR PRÓPRIO AO AMAR O OUTRO.....	31
3.3	MASCARAR O RACISMO É ESTRATÉGIA RACISTA E CONSOME AUTOESTIMAS.....	38
4	OUTRAS AÇÕES, MAIS RELAÇÕES, REVISITANDO REFLEXÕES	41
4.1	O QUE GUIA NOSSAS AÇÕES.....	46
4.2	INTENCIONALIDADE E EFETIVIDADE DAS AFETIVIDADES – REFLEXÕES CRÍTICAS PARA CONSTRUIR IDEAIS.....	46
4.3	RACISMO E CONVÍVIO ESCOLAR, RELAÇÕES QUE GERAM RELAÇÕES.....	50
4.4	TRABALHO NA PERSPECTIVA DO AMOR, AUTOESTIMA PARA CONQUISTAS PRETAS.....	51
5	FINALIZANDO AS REFLEXÕES	56
	REFERÊNCIA	

1 INTRODUÇÃO

O que a gente ensina depende do quê e como a gente enxerga o mundo e as pessoas.

Escrever, narrar, muitas vezes nos dá diferentes oportunidades de sermos “escutadas/os”, compreendidas/os, de ter “voz”. A fala, quando não construída e partilhada com a intencionalidade da escuta e compartilhamento, encontra barreiras inconscientes no ouvido que não é o nosso, assim como é extremamente bem recebida em ambientes construídos com uma cumplicidade respeitosa que remete a amorosidade entre pares. A escrita pode trazer um tempo e uma distância que aproxima.

Um ponto de partida deste trabalho é, o como, o porque e sob quais perspectivas a autoestima das crianças negras é relevante na educação. Ao trabalhar com foco em educação, alguns recortes me guiam. Pensar em um ponto de partida, onde tudo começa e onde a educação antirracista tem que ser amplamente atuante. Você lembra do seu primeiro dia de aula? Será que uma narrativa ilustra como isto tudo começa e se perpetua? Não era mais o primeiro dia, mas era minha primeira experiência na escola, onde, quando pequeninas/os, muitas/os de nós, trocamos boa parte do dia em nossa casa pela escola. Difícil se ajeitar, a expectativa de cuidado é aquela que temos em casa. Para algumas/uns a escola é mais segura, mas não livre de racismo. Avaliando experiências e memórias, para algumas crianças, a invisibilidade e exclusão eram mais impactantes em sala de aula. Não lembro de receber broncas ou atitudes mais agressivas, pois eu era muito quieto, ficava mais observando; creio que sentia. Lembro das sensações e emoções do estar na escola, como a de não estar à vontade naquele ambiente. Lembro também da sensação de querer que a professora, que interagiu melhor com algumas/uns alunas/os mais queridas/os dela, também fosse assim comigo.

Algumas crianças ficavam lá na frente, a professora conversava com elas, as acolhia e pareciam estar satisfeitas. Esta lembrança tenho visualmente. O desejo de querer a mesma atenção que algumas/uns outras/os tinham. Lembro, assim, que as crianças favoritas eram brancas e um deles, um garotinho, tinha o cabelo amarelado. Crespo e amarelado com a pele clara. Uma criança branca, bem branca. É assim que minha memória visual traz estas sensações. Eles tinham o privilégio em termos de preferência na sala, através da atenção da professora. Um ponto

importante quando falamos da constituição da subjetividade infantil: a sensação de ser amada/o, olhada/o, vista/o pelas pessoas adultas ao seu redor. Uma sequência de ações. Lembro também de alguns anos mais tarde, ouvir minhas tias conversarem sobre uma professora, em uma outra escola, que tinha dito, em sala de aula, que “os *macaquinhos* *deveriam se sentar no fundo*” enquanto as outras crianças se sentavam na frente.

Hoje, retomando estas memórias pode surgir o questionamento: será que esta narrativa acaba por demonizar a educadora? Os educadores? Não. Estou dizendo que nunca fui atendido durante as aulas? Não. O que estou dizendo é que muitas ações são naturalizadas e não percebidas enquanto racismo. A relevância está em refletir sobre como nos sensibilizar com a lacuna que fica em cada criança que vivencia estas situações. Devemos nos calar porque o racismo naturalizado se fantasia de não-intencionalidade?

Em nosso contexto, a legislação pavimenta caminhos, deveres e direitos a serem atendidos pela escola. Racismo é crime. Segundo Moreira (2024) - considerando também práticas que não são “abertamente racistas” - o letramento racial,

[...] deve ser visto então como um processo que envolve uma postura interpretativa capaz de conduzir a formas específicas de compreensão da realidade, mas também de produzir um repertório de práticas sociais direcionadas ao combate do racismo e seus efeitos sistêmicos. (Moreira, 2024. p. 105)

Em nosso contexto temos, a partir também de legislações, uma ampla e crescente disponibilidade de materiais, cursos e formações. Neste sentido, não há espaço para a invisibilização das pautas raciais e das problematizações que devem ir além das atividades programáticas conteudistas e paternalismos. O racismo deve ser apontado, pontuado e combatido ética e legalmente. Não é possível deixar passar. Se não há predominância de práticas libertárias frente às nuances do racismo, os alunos e crianças negras permanecem à mercê da desumanização decorrente do preconceito racial com consequente desestruturação da identidade e autoestima negra.

Entre as discussões possíveis, é de alta relevância a autoestima de quem sofre racismo, seja naturalizado, seja desnaturalizado - como quando o atendente da cantina da escola se recusou a me atender na 6ª série - só fui entender que era racismo pelo olhar do outro atendente que me socorreu. Não houve palavras de nenhum de nós 3. Não precisava. Seja direcionado, injúria ou estrutural, institucional ou velado, nos chama a atenção a ação que representou e representa tal ato de racismo, o qual se materializou em minha vida infantil sob a forma de exclusão, invisibilidade, insegurança, angústia, revolta e ansiedade. Ainda lembro.

2 AUTOESTIMA: APROXIMAÇÕES

A primeira coisa que fiz ao decidir trabalhar com autoestima foi buscar definições possíveis. Depois relacioná-las com o tema. Sobre racismo encontrei importantes informações e fundamentações. Sobre autoestima e suas possíveis relações de construção de significado e abordagens práticas, há conteúdos de diferentes vertentes. Sobre racismo e autoestima, relacionando infância e impactos educacionais, o conteúdo demanda mais busca e pesquisa. Destaco um TCC (DIAS, 2010), estudo de caso, com crianças de 4 a 6 anos, alunos de uma Escola Municipal de Educação Infantil, onde aponta os danos do racismo nas relações de autoestima e baixa autoestima das crianças negras, nas relações de construção dos conhecimentos que edificam a identidade e autoestima negra com o que chamo de uma educação e relações eurocêntricas que não a contemplam. Uma pesquisa norte-americana (HARRIS-BRITT, A. et al. 2007) da área da psicologia, que relaciona o que chamo de fracasso/sucesso nas relações escolares, com a saúde mental de jovens adolescentes em seu desenvolvimento e na sua autoestima. Uma outra pesquisa estadunidense, (CHAVIS, A.; JOHNSON, D. H., 2023) da área da medicina pediátrica, considera o racismo como “um determinante social da saúde, diretamente associado com resultados negativos nas crianças” (GEE, WAISEMANN, BRONDOLO, 2012 *in* CHAVIS, A.; JOHNSON, D. H., 2023 - tradução livre)¹. Entre uma diversidade de tópicos e dados, fala sobre a importância de reconhecer, identificar, como são as percepções das crianças negras sobre suas chances de um futuro com equidade. Como a auto identidade racial positiva “trabalha” contra a

¹ Citação original em Inglês: “*Racism is a social determinant of health directly associated with negative outcomes in children.*”

internalização do racismo - traz que a motivação para estudar diminui devido à segregação e seu efeito que inferioriza. O objetivo é contribuir com a sensibilização para o tema autoestima e racismo, especialmente no trato com as crianças negras. A partir da minha experiência como futuro pedagogo em Curitiba no Paraná.

Esta percepção traz a necessidade de discutir elementos que contribuam na sensibilização de pessoas (principalmente as brancas) que precisam estar cada vez mais “afiadas” e sensíveis no olhar e na necessidade de constante atualização sobre como trabalhar o racismo, como acessar a educação antirracista que pode existir em todos os contextos de trabalho. Nesta perspectiva, trabalhar a autoestima transita entre tratar da sensibilização das/os educadoras/es e sociedade, e tratar da convivência saudável nas relações de diversidade nos ambientes escolares. O racismo tende a ser menos perceptível aos olhos de boa parte da sociedade (da parte branca da população). Se não percebemos, deixamos muitas crianças, adolescentes e adultos desamparados frente às discriminações.

Diferentes ações como o questionamento de conteúdos com baixa diversidade, hegemônicos relacionados às disciplinas ou vivências escolares vai criar mais naturalidade para a presença negra nos espaços. Os ganhos também são para o fortalecimento da identidade negra e do reconhecimento dos efeitos do racismo na vida acadêmica. Para que isto chegue a cada criança, deve chegar antes às/aos educadoras/es. Em certa medida, tratar a autoestima das crianças negras passa pela sensibilização das/os educadoras/es ao tema. A sensibilização quantitativa dos educadores, ou seja, em maior número, trará maior oportunidade para ocupação de espaços materiais e imateriais pela identidade negra nos ambientes escolares. Um dos pilares para tratar a autoestima das crianças negras na escola é a identidade e o pertencimento social.

No sentido qualitativo, cada pessoa pode ampliar suas percepções sobre o impacto do racismo na constituição identitária das crianças e na trajetória da educação formal que idealmente levaria ao mercado de trabalho. As discriminações raciais acontecem em várias camadas e se reconstróem nas relações de formas diversas. Sempre há uma nova forma de atualizar o olhar e a escuta para se adaptar às novas ou ainda desconhecidas formas de racismo. Este movimento busca estimular a educação, no seu cotidiano, para além das datas comemorativas e dos programas obrigatórios.

Cada um de nós pode desconstruir paradigmas racistas ao longo de suas/nossas vivências. O que ontem eu não via como racismo, hoje já consigo perceber, amanhã virão novas descobertas. Um(a) educador(a) que enxerga o racismo, possui letramento racial, evolui criticamente em suas concepções, pode mudar vidas se for atuante em seu combate. Para tanto, as relações de amor ao trabalho docente, protegem a autoestima. As narrativas autobiográficas, acredito, são caminhos para diálogos que se estabelecem em expectativa de cumplicidade de emoções. Sensibilizar através do compartilhamento. Será que uma história pode valer mais que mil palavras?

Sobre autoestima, busquei refletir sobre as relações entre o amor em bell hooks (2021) e as discussões de orientação, escuta e troca com as/os colegas na disciplina que explora a autora. Para ofertar a nós mesmos e para as outras pessoas, a atenção e consequentemente a diligência com a autoestima, precisamos explorar a reflexão de que são um conjunto de práticas as quais temos que nos permitir primeiro. A autora aponta que devemos começar pelo amor próprio, em uma perspectiva de autocuidado. Deve então ser construído em seus significados e ações, nas relações com as/os outras/os na prática. Em muitos contextos, uma pessoa negra é um tipo de outro que não recebe cuidado e atenção; é desumanizado em suas relações. Portanto, ressalto, é necessária a coragem freireana para considerarmos a/o outra/o, para fazermos aquilo que não fizeram por nós. Tá dentro? Partiu?

Seguindo com hooks (2021), que nos abre os olhos para a dificuldade em dialogar sobre o tema que proponho. Minha orientadora percebeu a mesma dinâmica nos espaços onde tem interagido academicamente. Há uma espécie de bloqueio sócio-cultural. Como trazer a autoestima para terrenos tão estigmatizadores? Escolhi fazer isso, através de narrativas e referências que podem subsidiar a discussão. Sobre a perspectiva de autoestima relacionada ao amor de hooks (2021), construí-la também é construir relações. Esta precisa da interlocução com a sociedade e com a legitimação sócio-cultural nas relações pessoais e institucionais (RAWLS, 2000. - 1ª ed. 1971). bell hooks e sua referência sobre amor e amor-próprio, são parâmetros para uma perspectiva onde as relações constituem o meio; falo de como somos responsáveis pelas relações que construímos.

Com a escrita do TCC eu entendi que preciso aprender a falar sobre ações amorosas. Cresci ouvindo que o amor era o melhor tempero para comida e tive a

oportunidade de poder falar isso quando comecei a cozinhar em casa. E finalmente entendi que quando as pessoas falam que o ingrediente daquela comida deliciosa é amor, que este amor pode ser algo imaterial. Mas pode ser, também, uma prática, uma ação. Que exige atenção, respeito e preparo para possíveis percalços, não permitir ingredientes tóxicos aos alérgicos, atenção às pessoas e ao que pode afetá-las. Vivências e memórias serão criadas, construídas, as quais esperamos que sejam agradáveis e que nos acompanhem e nos constituam de forma positiva.

Naquele momento de cozinhar talvez passe pela nossa cabeça toda uma trajetória de vida que nos prepara: práticas, livros, receitas, conversas, vivências, observações e interações. Até cursos, faculdades, programas de TV, vídeos na internet, toda uma trajetória de gestos que vai te qualificando para se aprimorar cada vez mais, o que deve também alimentar a sua própria autoestima, através de algo que chamamos de amor. Em uma leitura de hooks (2021) ele é a construção de conceitos, entendimentos ou acordos mútuos e consequentes ações; ele é aquilo que a gente faz por nós mesmas e pelas/os outras pessoas.

Em diálogo com hooks (2021) afirmo que construir os bons momentos na infância, boas memórias, fortalece o amor-próprio, que é elemento para a constituição da autoestima. Para ter sua autoestima melhor preservada, uma criança negra deve ter suas vivências protegidas do racismo, deste modo, a educação antirracista como prática sistemática e projeto de mundo é fundamental. É preciso perseguir estes ideais constantemente.

Para estimular a autoestima, precisamos construir momentos, vivências, que edificarão convívios sadios e saudáveis. Como comentado antes, falar sobre amor ou autoestima não deve ser desconfortável, um tabu, um receio ou uma fraqueza, mas uma construção coletiva e constante. Na mesma medida, trabalhar a autoestima como perspectiva antirracista na educação é um caminho protetivo para as crianças negras. Assim vou aproximar o leitor dos argumentos através de narrativas pessoais, como o faz hooks.

Para preservar a autoestima das crianças negras nos ambientes escolares, um dos caminhos que entendo possível é a aproximação da/o educadora com as/os alunas/os, desmistificando preconceitos e desnaturalizando ações que segregam. Não só porque a/o educadora/or também pode segregar, mas porque é quem deve enxergar a segregação entre pares - e estar preparada/o e em constante atualização para agir de acordo com os protocolos legais, da educação e letramento racial.

Este movimento de aproximação no olhar, na observação, no acompanhamento, são repertórios correntes na pedagogia e devem ser estimulados e aprimorados, pois ações aparentemente naturais são racistas. Saber o que olhar é diferencial. É um aprendizado. Engajar mais educadores para aceitarem trabalhar a afetividade, as dores que as crianças negras passam, também é acessar a amorosidade de muitos que ainda não estão sensíveis ao tema. O caminho da sensibilização à dor do outro é fundamental para o entendimento de que minimizar ou não perceber o racismo é uma desconstituição da autoestima. Assim falamos de autoestima e amor na academia. Ao realizar um trabalho acadêmico em grupo sobre o filme “Preciosa²: uma história de esperança (Daniels, 2009)”, usamos Hannah Arendt (1999) para embasar a discussão, a qual forneceu bases teóricas compactuando com a certeza de que não podemos desconstituir a dor do outro e de que o racismo está entrelaçado com a cultura hegemônica e política dominante eurocêntrica. Para nós, imersos em uma cultura normativa, colonialista, a aproximação é fundante.

Nesta perspectiva temos mais elementos para preservar e construir a autoestima quando o educador observa as dinâmicas relacionais e interfere positivamente, tanto com a criança que sofre o racismo, quanto na conscientização da criança que reproduz o mesmo.. Esta atenção deve melhorar o acompanhamento e a avaliação processual em cada etapa do desenvolvimento. O sucesso e inclusão nas atividades da escola é fator que aumenta a autoestima e fortalece o desenvolvimento e aprendizagem.

2.1 AUTOESTIMA ENQUANTO COMPARTILHAMENTO, CONSTRUÇÃO INDIVIDUAL E SOCIAL

Já aconteceu com você algo mais ou menos assim? “Lembra daquela janta deliciosa que você fez lá em casa? Foi um dia tão bom, nos divertimos muito, lembro

² Sinopse: Harlem, bairro de Nova York, 1987. É nesse contexto que a jovem de 16 anos Claireece “Preciosa” Jones enfrenta uma série de dificuldades. Discriminação, agressão e opressão são alguns dos fatores que fazem parte do seu cotidiano. No ambiente familiar, a jovem é agredida física e psicologicamente pela mãe e é violentada pelo pai desde pequena, o que resulta em duas gravidezes. Na escola, a situação não fica melhor. [...] - Sinopse escrita por Julia di Spagna em 2018 para o Guia do Estudante Abril. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/preciosa-uma-historia-de-esperanca-utilize-o-filme-no-vestibular/>>. Acesso em 2024.

até hoje. Sabe que aprendi um pouco com você aquele dia e mudei meu jeito de cozinhar, tá cada vez melhor, até já ensinei minha filha e meu filho que já estão fazendo daquele jeito.” Esta dedicação amorosa ao ato de compartilhar com carinho, preparar, construir, fazer, aprender é uma ação motivada por amor. Não precisa de abraços, pagar contas juntos ou dar *like* em sua rede social. Histórias são construídas, marcam-se momentos que serão lembrados, constroem um pouco de nós a cada dia. O amor é construção que pode proteger e contribuir com nossa autoestima. Quando bell hooks escreve sobre o amor, a reflexão está em como produzir um projeto de mundo amoroso para pessoas negras.

Em nosso contexto atual, lutamos para não perder e ampliar direitos sociais, os quais estão sendo atacados diariamente, também por parte do poder legislativo, que representa e é guiado por setores da sociedade que sequencialmente buscam minar preciosas conquistas adquiridas ao longo dos últimos séculos. Perdas de direitos que afetam principalmente a parcela populacional negra de nosso país.

Seus relatos expressam mundos infantis onde não havia amor — onde o caos, a negligência, o abuso e a coerção reinavam supremos. No livro *Raised in Captivity: Why Does America Fail Its Children?* [Criados em cativeiro: por que os Estados Unidos falham com suas crianças?], Lucia Hodgson documenta a realidade de desamor na vida da imensa maioria das crianças nos Estados Unidos. Todos os dias, milhares de crianças em nosso país são abusadas verbal e fisicamente, passam fome, são torturadas e assassinadas. Elas são as verdadeiras vítimas de um terrorismo íntimo, sem voz coletiva nem direitos. Elas permanecem propriedade de adultos que fazem delas o que querem (hooks, 2021, p.55).

2.2 INFÂNCIA, RESPONSABILIDADES E O RACISMO EM PERSPECTIVA DA AUTOESTIMA

Você se lembra de quando era criança, chegando na escola? Um prédio gigante, bem diferente da nossa casa. Pessoas estranhas, comportamentos diferentes e a sensação de estranhamento. Para completar, seus cuidadores te deixam lá chorando, muitas vezes todos chorando! Alguém te leva para uma sala e te deixa lá, dizem que *vai ficar tudo bem*. E se eu te disser que esta criança é negra, mudaria sua apreensão? Vai ficar tudo bem mesmo? Você ficaria mais atento às

fragilidades e braços do racismo, rejeitaria porque não faz parte de sua realidade ou defenderia a ideia de que não faria diferença, pois somos todos iguais e que racismo é uma perseguição de negros contra brancos; uma discussão que não levaria a lugar algum, já que as coisas estão bem agora, está tudo no lugar - bem para quem?

Se esta criança estiver sob sua responsabilidade, se for sua filha ou filho, ou você. Você avalia que passará pela escola sem sofrer racismo? O racismo traz danos à autoestima? A autoestima é relevante na sua concepção de defesa contra o racismo? Este quadro da criança chegando na escola, esta minha memória, traz reflexões. Lembro a você que racismo não é apenas xingar, mas são também outras ações menos explícitas ao olhar padrão: como a exclusão e a não representatividade. Sensibilizar e fazer valer as leis existentes para estas problematizações, escutas e narrativas, sob a ótica da autoestima, são ações que devem ser exploradas.

Nestes vinte anos de experiência, de ensino, percebi que os professores (qualquer que seja sua tendência política) dão graves sinais de perturbação quando os alunos querem ser vistos como seres humanos integrais, com vidas e experiências complexas, e não como meros buscadores de pedacinhos compartimentados de conhecimento (hooks, 2017. p. 28).

Todo racismo institucional ou estrutural é perpetrado ou produzido por atores sociais - reflexão que parte e passa pela minha leitura de (BENTO 2021) e (BERTÚLIO, 2019). Ou seja, é materializado, muitas vezes de forma individualizada, por exemplo, uma gestão escolar ou educador, até mesmo por colegas de aula. Se considerarmos esta hipótese, a nível de sala de aula e das vivências destas/es alunas/os ou crianças, como contribuir e proteger seu bem-estar?

Quando a criança vai para a escola, existe uma promessa de que vai “ficar tudo bem”. Seria ainda uma promessa, um compromisso, uma possibilidade? Quão bem e sob qual perspectiva? O que **você** acha que é bom para mim deveria passar pelo que **eu** acho que é bom para mim, ou sua perspectiva basta?

2.3 RACISMO E SUAS RELAÇÕES COM AUTOESTIMA, COM AS EMOÇÕES, EXCLUSÕES E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história (Hannah Arendt. S.l., s.d.)

“Quarto de Despejo” (Jesus, 2004) é uma leitura que nos fornece elementos para considerar o tema e nos sensibilizar com a dor que não é nossa. Para alguns, uma aproximação que extrapola suas vivências. Para outros, vivências conhecidas. Um teste de empatia para nossas almas ou para nosso intelecto e consequente motivação para agir.

Às vezes eu ligo o rádio e danço com as crianças, simulamos uma luta de boxe. Hoje comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno. E o meu João José disse: — Que mamãe boa!” (Carolina Maria de Jesus, 2004, p. 16)

— Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos.” (Carolina Maria de Jesus, 2004. p. 16)

Este trecho me fez chorar. Bateu como um gatilho para mim, mas tive que enfrentar e ter coragem. Talvez não seja gatilho, talvez seja sensibilização a um tipo de dor que eu nunca tive ou que estavam guardadas a sete chaves em minhas experiências pessoais, não é este o ponto. Como me conecto com a narrativa de vida e me sensibilizo com a constituição de quem não sou eu? Talvez até de quem não “é como eu” em alguns aspectos. Sou negro como ela e seus filhos, não passei por experiências idênticas, mas nossa pele conta histórias que outras peles podem não ter sentido.

Tenho uma memória, de quando eu era criança, de irmos com meus pais até uma área que estava sendo desocupada pela polícia. Lembro que para mim era mais um passeio, mas lá não tinha brincadeiras, lembro das mulheres negras com lenços na cabeça e que algo estava fora do lugar. Durante muito tempo meus pais conversavam sobre o assunto e se referiam ao dia que fomos “visitar” uma comunidade que estava sendo “removida”, da área em que estavam. Era uma comunidade predominantemente negra que tinha montado suas casas em uma área

que foi englobada por um bairro em expansão. Por algum motivo me lembro deste dia.

O local estava com o terreno de chão batido, alisado, pelo que lembro do tamanho de algumas quadras. Na cidade em que eu morava, sempre tinha um sol forte, no local, nenhuma árvore. A área foi desocupada e a comunidade teve que ir embora, buscar um novo lugar para montar suas casas. Frequentei aquele bairro na adolescência, a região cresceu rápido, mas virou um bairro predominantemente branco. Como deve ter ficado a memória daquelas crianças é uma reflexão que não posso responder, mas considerar o assunto nos traz mais para dentro do tema.

Hoje nossas histórias e memórias, nossas vozes, também são compartilhadas e armazenadas em meios digitais. Sim, muitas memórias e narrativas também estão registradas em meios digitais; podemos acessar um número enorme, de formas diversas. Estes meios, por sua vez, ao serem acessados permitem a exposição de conteúdos que perpetuam mensagens de violência física e racial. Porém nossas vozes e nossas histórias são relevantes. A escola tem que lidar com estes fatores que influenciam muitas crianças e adolescentes em suas ações. Os debates sobre autoestima, racismo, branquitude, eurocentrismo e culturas de ódio podem contribuir para que cada educadora/or possa ter mais elementos e tranquilidade para evitar situações e conteúdos racistas. Mas há diferenças, em um trabalho acadêmico nossas vozes são sangue novo para assuntos que são pouco discutidos pelos/as cânones de nossas áreas.

2.4 IDENTIDADES E AUTOESTIMA: CONSTRUÇÕES

Tudo tem origem, tudo traz heranças, aproximações. Considere que a escravização dos negros africanos, tornando-nos negros brasileiros, haitianos, colombianos, norte-americanos, alemães, franceses, (a lista é maior), constitui as populações negras atuais - fora da África - como descendentes de povos africanos escravizados. Mas não temos para onde voltar. A maioria de nós, não sabe de onde veio - cultural, étnica e geograficamente. Podemos admitir que há um modo identitário que foi fragmentado em relação às nossas raízes, “sincretizado” cultural e espiritualmente, ou nenhum vínculo com as culturas originais africanas. Enquanto povo, construímos nossa identidade e riqueza com as possibilidades impostas pelas

políticas escravocratas. Desumanizante - termo que até hoje define nossas relações raciais.

Em “Tudo Sobre o Amor”, hooks (2021) explora o que vou chamar de relações com a autoestima e amor-próprio. Em “Peles Negras Máscaras Brancas”, Fanon (2020) traz a psicanálise e aspectos da psicologia, em relação ao racismo e colonialismo. Entre outros temas toca no assunto da autoestima negra, a qual passa pela imposição da visão de mundo branca que se impõe às crianças e alunos negros em seus contextos de vida e escolar, com efeitos negativos.

Para exemplificar tal imposição, podemos buscar a história de bell hooks, ao relatar sobre seu contexto escolar, cursado parcialmente em contexto segregado racialmente (escola “de” negros e escola “de” brancos) e posteriormente experimentando a escola branca (quando começou a aceitar negros). Ela (nasc. 1952), professora - começou lecionando Inglês e estudos Étnicos - escritora e artista é dos Estados Unidos da América, Frantz Fanon (nasc. 1925), psiquiatra, autor e filósofo político natural das Antilhas Francesas, uma região administrativa da França que fica no Caribe. Eu sou brasileiro, fazendo este TCC de Pedagogia em 2024. E Grada Kilomba (nasc. 1968), escritora, teórica, psicóloga e artista portuguesa residente na Alemanha, Dora Bertúlio, brasileira, procuradora, teve papel ativo na implementação da Lei de Cotas e seus fundamentos jurídicos, Cida Bento, importante trajetória acompanhando o mercado de trabalho em sua prática e nos trazendo suas relações com o racismo e branquitude - as duas últimas, atrizes sociais ativas no que defino como “Movimentos Negros” do Brasil e trazem um quadro sobre o racismo operante no Brasil. A linha do tempo em que situam seus trabalhos e a atuação destas autoras/autores também é referência de marco teórico e contexto histórico que universaliza o racismo, a afronta à autoestima das pessoas negras e demonstra a relevância do tema a nível histórico e global. Kilomba em seu livro “Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano” (2020) dialoga com hooks. Também escreveu o prefácio do livro de Fanon (2020) que segue abaixo:

Eu nunca tinha lido nada assim, tão brilhante e inteligente. Tão audaz. Tão poderoso, A força da sua escrita era tal que, enquanto eu lia, o meu corpo precisava voltar à superfície, para um fôlego de ar. (Grada Kilomba, 2020. p. ano,p. 13).

[...]

Talvez seja a obra que o Brasil mais precisa neste momento, como eu precisei anos atrás, para desobedecer à ausência e para viver na existência (Grada Kilomba, 2020. p. ano,p. 16).

Para as pessoas negras brasileiras, sem saber de qual lugar ou etnia viemos - temos que dizer que viemos da África, em uma simbologia de herança colonialista, planificando a diversidade étnico-geográfica-social e cultural do continente e minimizando a história e tradição de seus povos. Enquanto brasileiro negro, adoro ser africano, posso não ter um lugar de origem, que nos foi apagado, mas tenho a África inteira e toda a negritude continental em minhas identidades negras. Isto é liberdade, é empoderamento, reconstrução, isto é construção. Identidade e autoestima, nesta perspectiva, se retroalimentam.

Posso, por exemplo, reconhecer alguém como asiático ou europeu, mas se perguntarmos, pela minha experiência, na maioria das vezes, ou em todas, responderão: sou descendente de italianos, sou descendente de japoneses - para citar apenas 2 exemplos. Não exclui as respostas europeu ou asiático, mas sabem de onde, na Ásia ou Europa, vieram. Ser negro, na perspectiva eurocêntrica e escravocrata que herdamos, apagou muito mais do que podemos dar conta. Quando nossos ancestrais não tinham sido traficados para as Américas havia pertencimento geográfico, língua, etnia e culturas próprias. Sim, temos que nos reconstruir. Buscar identidade, autoestima, aquela que nos foi tomada e torturada.

Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu
A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega o destino pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração
A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que sente

O quanto deixou de cumprir
Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a roseira pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração
A roda da saia, a mulata
Não quer mais rodar, não senhor
Não posso fazer serenata
A roda de samba acabou
A gente toma a iniciativa
Viola na rua, a cantar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a viola pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração
O samba, a viola, a roseira
Um dia a fogueira queimou
Foi tudo ilusão passageira
Que a brisa primeira levou
No peito a saudade cativa
Faz força pro tempo parar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a saudade pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração
Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração
Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante

Nas voltas do meu coração

(Francisco Buarque de Holanda, 1968)

Esta também é uma memória que me acompanha desde criança. E veio à mente imediatamente, na sequência da escrita. O exercício de afetividade e amorosidade fica mais orgânico ao acolher a emoção que se materializou. Mulata é um termo de origem racista. O autor da música não é negro, traduz realidades em sua arte. A música, a letra, não é racista. O mundo onde vivemos é racista, temos que estar em alerta. Sim, “a gente quer ter voz ativa, no nosso destino mandar, não deixaremos a roda de samba acabar”. Mas o “mundo, o tempo, roda em um instante, nas voltas de meu coração”.

2.5 AS CRIANÇAS INTERIORES DEVEM SER INCLUÍDAS EM NOSSAS PERCEPÇÕES, NOS CONECTAMOS COM ELAS ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, NARRATIVAS

Adultos de diferentes classes sociais, raças e gêneros culpam a família [...] (hooks, 2021, p. 54-55)

Creio que em muitos casos também culpam a escola. Retomando meu primeiro dia de aula, o que acontece nas salas de convivência é emblemático na vida de cada um de nós. A escola era gigantesca. Se chamava Presidente Médici; uma escola pública de construção modernista. Fria para uma criança, linda para os arquitetos e para os políticos. Bem, já ficou claro que o ambiente não me pareceu acolhedor em nenhum momento. Obviamente na época eu não tinha este vocabulário e a percepção político-arquitetônica. Porém o projeto foi eficiente, se o objetivo era causar estranhamento e distanciamento para as crianças que ali frequentavam. Creio que não pelo projeto em si, mas pela apropriação de recursos materiais e imateriais disponibilizados (ou não) às crianças. Espaços não resolvem sozinhos o que criamos com nossas atitudes. Lembro bem da cena, memória visual, a sensação, eu descreveria hoje como de dúvida e estranhamento, memória emocional retomada a partir de uma memória visual - uma retroalimenta a outra. É visual porque é emocional, retomamos, registramos as emoções através do registro imagético também, quando biologicamente possível.

Na minha primeira experiência na escola, a curiosidade era um elemento; não era medo nem alegria. Esta cena, de entrar na sala, se mantém vívida em minha mente, por um lado a sensação de não estar em meu espaço, como eu poderia escrever a sensação que vem junto com a imagem? Com palavras de adulto ou com a memória da criança. Por outro lado, a expectativa de que vai ser legal estar na escola é plantada na cabeça de algumas crianças, até mesmo para convencê-las a permanecer. Assim nos encontramos, com pouco repertório, com pouca “sabedoria das ruas”, em um local imenso, com adultos desconhecidos, outras crianças, seus valores, suas formas de interagir e a ânsia por boas experiências, vivências.

Crianças interagem, e isso é bom, mas há interações que acontecem na escola que não são necessariamente positivas. Os anos passam e tem algumas coisas que nunca me esqueço. De acordo com correntes da neurociência (García, 2022)³, o que tende a ficar na memória de longo prazo, adiciono, sem necessidade de repetição, é o que nos impactou, também, negativamente. Por isso aciono memórias e lembranças, para articular o que busco apresentar.

2.6 ENTRE AS MEMÓRIAS, NARRATIVAS: PROCESSO METODOLÓGICO E DE CONSTRUÇÃO DO TCC

Ao me aprofundar nas leituras de bell hooks (2021), percebi o quanto é inspirador ler e adentrar em suas memórias com seu avô ou quando entrou pela primeira vez em uma escola não-segregada; através de sua narrativa, descobrimos como a segregação se colocou na vida daquelas crianças. É elucidador ler bell hooks e entender como as relações com seu avô e sua mudança de escola a acompanharam e influenciaram ao longo da vida, como conversaram com as definições, construções e percepções de amor e autoestima.

De que forma estruturar minhas histórias a fim de produzir um trabalho acadêmico? Através das narrativas podemos acessar situações, comparar e se comunicar através de emoções. Quais emoções são relevantes para mapear, filtrar e entender os impactos das situações de segregação e discriminação? Além das já

³ [...] temos certa facilidade em guardar as recordações ruins, [...] [...] guardar uma memória que certamente nos deixará sequelas psicológicas e, no pior dos casos, nos causará transtorno de estresse pós-traumático. Por quê? Parte da explicação se baseia no fato de que estas experiências negativas estão fortemente associadas a emoções. [...] (García, 2022)

citadas sensações e lembranças impressas em minha estreia na escola, soma-se a reflexão de que a maioria das crianças negras, compartilham de experiências escolares como estranhamento, insegurança, racismo e discriminações. Para alguns afortunados, há a crença de que, enquanto crianças, sempre serão bem cuidadas nos ambientes em que se encontram ou que chegam.

[...] isso significa que os professores devem ter o compromisso ativo com um processo de autoatualização que promova seu próprio bem-estar. Só assim poderão ensinar de modo a fortalecer e capacitar os alunos (HOOKS, 2013). p.28)

Como lidar com a naturalização e normatização da branquitude (BENTO, 2021)? Em relação a discriminação racial, uma questão relevante é que nem sempre as pessoas têm consciência de que a estão praticando, recebendo ou testemunhando. Se não percebi significaria que não existe? A criança vítima, muitas vezes, também não sabe que está recebendo racismo. Mas entende o ataque à autoestima, a agressão, a exclusão, a invisibilidade, sente tudo, mesmo sem os códigos para interpretar a origem das ações danosas ou para se defender. Entende que deveria estar sendo cuidada e que naquele contexto não está e fica desamparada.

Em “Tudo sobre o Amor” (HOOKS, 2021) encontrei elementos para pensar a autoestima como um elemento que viaja ao longo das linhas do tempo de nossas vidas, trazendo para o momento presente nossas trajetórias, os acontecimentos que nos marcaram, que nos constituem, que nos direcionam em nossas escolhas e ações. As narrativas de bell hooks são referenciais narrativos e metodológicos para explorar a reflexão sobre danos e cuidados com a autoestima em relação ao racismo.

Desta forma, encontro reflexões e referenciais externos para dialogar com a pergunta: Como contribuir com a autoestima das crianças negras, que sofrem racismo, discriminação? Como contribuir com elementos que possam subsidiar mães, avós, irmãos, tutores, pais de crianças e jovens negros a confiar em caminhos que protejam suas crianças rumo a criação de um mundo livre de racismo. Para responsáveis por adolescentes e jovens negras e negros, há ainda o flagelo da violência física institucional, que abala não só a autoestima mas a vida e a

integridade física. Qual seria a “justa medida” entre as concepções de cuidado e educar sob a ótica legal em contraponto com as crenças potencialmente discriminatórias do educador, da família, do poder legislativo e executivo - determinantes no racismo institucional?

Algumas narrativas podem nos auxiliar a ilustrar nossas considerações acerca dos enfrentamentos que crianças e alunos negros têm que realizar para proteger suas autoestimas. Lembro de ter conversado com uma mulher, uma mãe, ela me disse que tinha “até” medo da escola, pois as interações (capacitistas) nesta, podiam estragar, em minutos, muito tempo de trabalho e esforço - com danos emocionais a seu filho. Quando a discriminação é estrutural, nos persegue e assola independentemente de nossa consciência e trabalho; e em grande medida, na prática, lidamos de forma solitária quando não há sensibilização dos pares, dos tutores.

3 DA IDENTIDADE AO AUTOCUIDADO, PRÁTICAS DE CASA PARA A ESCOLA

Gostamos de imaginar que a maioria das crianças nascerá em lares nos quais serão amadas. No entanto, o amor não estará presente se os adultos que se tornaram pais não souberem amar. Embora muitas crianças sejam criadas em lares nos quais recebem certo nível de cuidado, talvez o amor não seja constante ou sequer esteja presente. Adultos de diferentes classes sociais, raças e gêneros culpam a família (hooks, 2021. p. 54-55).

Consideremos se os responsáveis na escola ou fora dela entendem o que a criança percebe e levará como elemento de construção de sua autoestima e portanto de sua participação e validação cultural e social. Esta criança tende a acreditar no que a sociedade professa. Ainda que isso destrua sua autoestima e de toda população segregada. Quais sensações você avalia que sentiu ou sentiria ao sofrer racismo, consegue verbalizar algumas emoções que combinam com esta narrativa? Na escola, quando você deixa seu filho lá, imagine que tenha filhos se for necessário, qual noção de cuidado você destacaria? Não ralar o joelho? Não levar mordida dos coleguinhas? Que limpem seu nariz e te avisem se “sua” criança tiver dor de cabeça? Que não sejam xingados ou menosprezados?

Cuidados nem sempre incluem o combate à discriminação, ao racismo, homofobia, sexismo, xenofobia, preconceito de classe. Nem sempre incluem a

manutenção, proteção e construção da autoestima. Com nossas crianças seria diferente? Estaria eu cuidando do seu bem estar se eu não enxergar a discriminação que você sofre?

No domínio da política, entre religiosos, em nossas famílias e em nossa vida afetiva, vemos poucos indícios de que o amor serve de base para decisões, fortalece nosso entendimento da comunidade ou nos mantém juntos. Essa imagem desoladora não altera, de modo algum, a natureza de nosso desejo. Nós ainda temos esperança de que o amor prevalecerá. Nós ainda acreditamos na promessa do amor (hooks, 2021, p. 37).

3.1 QUEM DECIDE QUE VOCÊ VAI OU NÃO SOFRER RACISMO

Aqui compartilho um pouco da minha experiência na escola, ambiente onde o racismo foi um dos elementos atuantes. Quando mudei de escola na terceira série, por volta dos 10 anos, algumas passagens marcantes aconteceram. Quando cheguei na sala, eu era o único negro. Eu já tinha vivido situações parecidas. Lembro que cheguei na sala cheia, janelas no fundo da sala, quadro grande e mais um dia frio e nublado. A professora me recebeu e fui sentar no lugar disponível. As carteiras de madeira, a cadeira era de vime. Quando voltei do recreio minha cadeira tinha sido trocada por uma furada. Durante algum tempo, um dos colegas ficava no meu pé, lembro que fazia brincadeiras que eu não gostava, até o dia que, ao final da aula, um dia de chuva, sai correndo e ele agarrou minha mochila, eu puxei do outro lado e arreventou a alça. Lembro que fiquei chateado.

Acho que conversaram com ele e com os pais. Veio se desculpar na próxima aula. A mim ele não incomodou mais, mas lembro que continuava pegando no pé de outros colegas. Certa vez o vi chutar a barriga de um menino que estava ajoelhado pedindo desculpas. Hoje avalio que o bullying aflora direcionado ao que o olhar da sociedade ensina como inferioridade aliada à sensação ou crença de impunidade. Para uma criança, inferioridade é fraqueza e impunidade é o que se pode fazer sem retaliações. E é na crença na inferioridade do outro que a atitude invasiva, que se empodera nestas dinâmicas, acha caminhos, na crença de que pode. Aí se encontra um dos motores geradores da ação.

A propósito, tenho falado sobre o “outro” ao longo das argumentações. Ao falar sobre Fanon, no prefácio de “Peles Negras Máscaras Brancas”, Kilomba (2020) tece uma consideração que embasa o que pode ser reconhecido como “o outro” nas discussões sobre quem está ou não sujeito ao racismo. O “outro” é uma identidade, é uma construção que define outras pessoas ou a si mesmo, na medida do olhar do leitor. Suas considerações giram em torno da invisibilidade da mulher negra, trazendo gênero para uma discussão que era ausente no contexto. A interseccionalidade entre racismo e machismo são fatores que não se encontravam nos textos de Fanon, em discursos marcados por um recorte de contexto sócio-histórico e cultural que deve ser filtrado e levado em conta.

O homem *negro*, que é homem, mas não é branco, não tem acesso ao patriarcado, pois este é definido pela *branquitude* e torna-o o outro. A mulher *negra*, não sendo *branca* nem homem, neste esquema colonial, representa então uma dupla ausência que a torna absolutamente inexistente. Pois ela serve como a *outra* de *outrxs*, sem status suficiente para a Outridade.” (Kilomba,, 2020 p.16-17)

E as crianças negras e sua autoestima frente à vivência do racismo? O racismo é uma prática que compromete a autoestima de crianças, adolescentes e pessoas adultas. Esta é uma das categorias de preconceito que não depende de seu pertencimento cultural, de sua consciência de classe, de sua crença de pertencimento **ou não**, ao grupo discriminado. O pertencimento social, nestes casos, é predominantemente fenotípico.

Quem decide se você é ou não sujeito à racismo é o olhar da branquitude - atuante através de pessoas e seus valores ideológicos, culturais, os quais se tornam práticas, ações, naturalizadas ou não. Novamente, Fanon (2020), Kilomba (2020), Bertúlio (2019) e Bento (2021) são referenciais para estas considerações. Vamos refletir, se não o enxergamos, cremos que não está lá? Existe um preconceito pior que o outro? Seria uma divagação que não nos levaria a lugar algum. Mas existe algo que é muito ruim. Pior que tudo: não enxergar o preconceito, suas ações (discriminações, racismo) e seus efeitos nefastos. Um destes efeitos é o dano à autoestima individual ou coletiva. “O amor próprio não pode florescer em isolamento” (hooks, 2021. p.82).

Se você pensar em crianças: qual pensamento vem sobre cuidado? E se forem crianças negras: qual pensamento vem sobre empatia? Ao considerar o sistema educacional público e privado, qual pensamento vem sobre autoestima? A respeito de quem tem a identidade questionada e a autoestima danificada pela supremacia da branquitude, podemos fazer uma caracterização breve e objetiva. São crianças, adolescentes, jovens e adultos negros, que vivenciam estas situações ao longo da vida. São negras e negros heterossexuais, trans, ateus, religiosos, de direita, de esquerda, liberais, progressistas, feministas, machistas, LGBTQIA+, homossexuais, não binárias, pobres, de classe média e ricos, famosos e anônimos. São negras e negros héteros, em situação de bem estar social, capitalistas liberais, conservadores e de religiões eurocêtricas e ortodoxas. O racismo ataca a todos e a todas as nossas crianças. Crer que não existe racismo não nos livra dele, ele virá pelo olhar de fora, alheio às suas percepções.

3.2 AÇÕES CONSTRÓEM SIGNIFICADOS E A PROTEÇÃO À AUTOESTIMA DEVE SE ADAPTAR - DO AMOR PRÓPRIO AO AMAR O OUTRO

Podemos considerar como fica a autoestima das crianças negras quando acessam nas mídias sociais ou na TV, o boneco do jogador de futebol Vini Jr. pendurado em uma forca em uma transmissão de futebol e ainda testemunharem, sem ferramentas para se defender, comentários em seus círculos virtuais ou reais, apoiando ou minimizando o racismo. Acompanhando atualidades, como fica a autoestima das jovens negras(os) quando descobrem que o Conselho Federal de Medicina quer banir as cotas das residências médicas - em uma inevitável interpretação de que vocês negros não são bem vindos aqui. Ao ler podemos nos atualizar sobre o desdobramento, mas a mensagem é nítida. Aproveitando o exemplo jornalístico, como fica a autoestima dos mestrandos e doutorandos negros que têm suas carreiras comprometidas quando juízes decidem que a lei de cotas não basta para colocar negros como professores em concursos ou editais fragmentados que, se especula, poderiam driblar a lei. Crenças ou naturalizações racistas são imperativas sobre tais ações.

Todas estas considerações se fazem relevantes na medida em que, se trocássemos os atores e contextos, seria razoavelmente suficiente para exemplificar muitas ações racistas, explícitas ou implícitas. Nesta perspectiva de desrespeito à

autoestima, precisamos refletir sobre amor e preconceito. Cuidar destes fatores é tratar a autoestima. O racismo institucional e estrutural é uma cultura “de ações”, estas podem proporcionar ou prejudicar a identidade, representatividade e inserção social (BENTO, 2021). Na escola, na faculdade, na creche, de formas explícitas ou naturalizadas, empoderado pelo status da branquitude, encontramos a sua naturalização conturbando o combate à discriminação. Pensando nos sistemas de opressão, trago um apontamento, no qual bell hooks (2021) faz a: “[...] sugestão de que o amor seja tão importante quanto o trabalho, tão fundamental para a nossa sobrevivência como nação quanto o ímpeto de ter sucesso” (HOOKS, 2021. p. 54).

Pensando no campo da educação, esta relação entre amor e trabalho, deve incluir o cuidado com a autoestima das crianças negras na perspectiva do combate ao racismo institucional e estrutural. A autoestima deve igualmente ser construída, através de ações, mas também defendida, preservada, considerada positivamente. Deve, na mesma lógica, ser discutida enquanto significação que acompanha, de formas distintas, cada indivíduo, suas experiências familiares, escolares e suas trajetórias.

Podemos não só construir a autoestima de pertencimento à raça negra ou indígena, como protegê-la daquilo que a oprime. Um dos desafios da negritude é poder falar sobre racismo, em um mundo que está constantemente construindo e reinventando novas formas de naturalizar o preconceito. Se faz pertinente utilizar a autoestima como parâmetro de formas explícitas e implícitas de discriminação racial. O preconceito existe, fazemos parte daqueles que constroem ações para combatê-lo. “Uma criança negra normal, tendo crescido em uma família normal, passará a ser anormal ao menor contato com o mundo branco” (FANON, 2020, p. 159).

Construir a autoestima antirracista é um parâmetro para que não nos deixarmos levar pelas formas de racismo (ações) que persistem, se reinventam e que se transformam. Como fica uma criança negra e sua autoestima quando ouve que sua religião e de seus pais, de sua avó, é coisa ruim. Como se constrói a autoestima positiva das crianças negras sem um processo educativo em ERER⁴ que proporcione maior conscientização das/os educadoras/es, não como formação continuada facultativa, mas como parte estrutural da atividade docente, portanto

⁴ Educação para as Relações Étnico-Raciais

obrigatória; com vistas a cumprir as legislações que tratam do tema⁵. Vale ressaltar o papel fundamental de pedagogas(os) e diretoras(es) no constante aprimoramento profissional a respeito do tema e nos ganhos e necessidades em se acompanhar planejamentos de forma a garantir a aplicabilidade da lei e ampliar seus alcances com o objetivo de garantir mais que direitos às crianças e alunos.

Como garantir a autoestima da população negra se não há formação antirracista, por exemplo, nas faculdades de direito e de medicina - considerando seus impactos para a saúde e garantia de direitos da população? Como disciplina obrigatória e não optativa. Não podemos deixar como optativos os conhecimentos que implicam em conscientização e combate ao racismo institucional e estrutural também. Implicam no tipo de profissional que será formado, sem ter tido a oportunidade de discutir relações raciais nos âmbitos de suas atuações e perpetuando conceitos e ações discriminatórias.

[...] A prática do curador, do terapeuta, do professor ou de qualquer profissional de assistência deve ser dirigida primeiro para ele mesmo. Se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar muita gente. (HOOKS, 2013) p.28)

É preciso empatia para tratar a autoestima que não é nossa? Ao dialogar com as ideias de bell hooks, imediatamente me conecto à ideia de que precisamos construir noções e ações de amor que nos reconstruam. Somos entes que podemos ampliar as possibilidades de sentir, amar, desenvolver empatia e trabalhar a autoestima pessoal e coletiva, minha, sua, nossa ou deles.

Precisamos que educadoras/es revisitem suas crenças e paradigmas raciais e que consigam agir e acolher a dor de seus alunos e colegas, que imprimam boa vontade em relação à sensibilização e desnaturalização do racismo. Observação, olhar, escuta, conscientização. É necessário discutir sobre quais ações serão construídas e avaliar se as expectativas foram, ou podem ser atingidas sem danos à autoestima. Para educar como ação de amor é preciso centrar o processo de mediação na realidade dos educandos. Protagonizar com olhar sensível, contextualizado e com a percepção e acolhimento das realidades, das vivências dos

⁵ A LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 - destaque ao Art. 26-A, § 1 e § 2 - fornece elementos e propiciou um ambiente institucional onde materiais, cursos, formação continuada estão crescendo em disponibilidade.

educandos. Podemos libertar o aluno, as crianças, se não libertamos quem educa (educadores, família, currículos, sociedade, mídia)?

Libertar do que, de quem? A libertação no sentido freireano (2005) se dá em relação à opressão. Reconhecendo que o racismo diminui a autoestima das pessoas pretas e pardas, independentemente da própria pessoa se reconhecer como tal, o enfoque sobre a autoestima se justifica e se faz imprescindível sob um olhar humanizado, solidário e cuidadoso. Na educação infantil, cuidar é dever legal da tutela escolar. É possível cuidar sem estar atento à autoestima de quem está sob sua tutela? Ter a autoestima violada no ambiente escolar é uma constante. Para muitos também fora da escola, em diversos níveis e profundidade.

Imagino que, seja qual for seu pertencimento racial, seja o indivíduo racista ou não, a maioria das pessoas entende o que é ter sua autoestima rebaixada. Reafirmo que, não quer dizer que estes se preocupem em preservar a autoestima alheia ou que enxergam o racismo em todas as suas ações e nuances. O Brasil tem demandas, porque faltam relações e reações dialógicas, falta sensibilização ao tema, ainda que esta não seja uma novidade, é uma necessidade. A sensibilização é a semente da educação amorosa, apenas tais ações são capazes de lidar de formas saudáveis com a proteção e construção da autoestima, especialmente de crianças.

O objetivo é realçar a discussão da autoestima para compartilhar o protagonismo de temas envolvendo as discussões e estudos antidiscriminatórios. Sensibilizar os leitores em relação à necessidade de se dirigir ao tema com um discurso alinhado com referências antirracistas e que estas discussões estimulem, abram caminhos para a necessidade de ampliar e desenvolver estudos, buscar dados, produzir pesquisas e práticas, fomentar ações anti-discriminatórias e antirracistas no campo da constituição humanística do indivíduo e da sociedade, sob o viés da autoestima. No Brasil, autodeclarados, segundo os dados do IBGE, censo de 2022, são 55,7% de pretos e pardos e 0,8% indígenas.

No meu tempo, lembro que muitas pessoas pretas e pardas se identificavam como brancas. Lembro de, um amigo dizer ao meu irmão, quando ambos eram crianças, que ele não era negro, que era branco-escuro. O amiguinho não queria ofender, operou com a cultura que recebeu da sociedade. Me responde, este tipo de comportamento é efeito do racismo? Será que esta memória nos ajuda a explorar melhor os efeitos do racismo estrutural e os melindres de lidar com a educação racista que recebemos normalmente? Temos a tendência de apaziguar o racismo

acreditando que estamos sendo solidários com o outro? Temos a tendência de ser racistas acreditando que estamos no direito de ser assim? E a autoestima fica como, quando não se pode ser negro para ser legal. Para ser gente boa terei que ser clareado? Eugenia no nosso DNA cultural.

Certa vez me declarei como negro e meu formulário foi preenchido como branco. Ao questionar, me foi dito que era melhor deixar assim, pois eu era parente de pessoas bem consideradas ali (...). Outra vez, fazendo fichas de emprego em um RH, uma pessoa que foi comigo se identificou como branca, era comum. Eu tinha 19 anos. Ao perguntar o porquê da autodeclaração “branqueada” me foi respondido que era para não perder o emprego logo de cara. Para ter chance. Era muito comum, ao conversar com as pessoas, que algumas se autodeclarassem como “moreno/a”. Ser negro declarado era (e é) difícil para muitos, vítimas do racismo estrutural. Não esquecemos que aos olhos da branquitude, não é nossa autodeclaração que nos torna brancos, é o seu próprio olhar que nos identifica e nos aparta. A identificação ofertada pela branquitude também fornece as bases sobre como olhar para o negro, para o indígena e para os não-brancos.

Identificar alguém como negro, ao longo do meu processo de vida, era pejorativo. Interessante, porque, na minha experiência, era mais ou menos assim, quanto mais legal menos negro, quanto mais incômodo mais negro. Interessante é que a palavra negro/a e preto/a era, e é muito usada como uma construção racista de xingamento, para diminuir, para ferir, para segregar. Assim, para não ofender e para não se rebaixar, o artifício de muitos era burlar as percepções fenotípicas com declarações e discursos. Por volta dos 15, 16 anos, na escola, um amigo veio me defender e disse, “André, fulano te chamou de preto” e complementou com algo como, o cara tá falando mal de você. Meu amigo veio me defender, não havia espaço para questionar o *status quo* da branquitude.

Ao falar da catarse coletiva como uma categoria psicanalítica por onde a violência flui, Fanon (2020) cita as histórias em quadrinhos, seus arquétipos (Tarzan por exemplo) e se estende para histórias infantis de origem europeia em detrimento das histórias e personagens icônicos africanos, mostra esta normalidade da supremacia branca que impõe simbologias brancas, feitas para crianças brancas como conteúdo para as crianças negras. A consequência é uma distorção da autoimagem, uma assimilação da narrativa branca. Nestas, os negros, índios,

nativos são “o outro”, o inimigo demonizado e o personagem branco é o vencedor, uma espécie de salvador cheio de bons predicados.

[...] como há sempre uma identificação com o vencedor, a criança negra se torna o explorador, o aventureiro, o missionário “que corre o risco de ser comido pelos negros malvados” com a mesma facilidade com que o faz a criança branca. Dirão talvez que isto não é tão importante, mas só porque não refletiram sobre o papel dessas revistas ilustradas.” (FANON, 2020. p. 161-162)

Quando criança recebi o mesmo tipo de educação e influências; quis ser o Batman, o Zorro, o herói loiro que andava de moto. O Zorro tinha um nativo americano como amigo. Aqui no Brasil o nome era Tonto. Batman, um milionário branco, tão íntegro que salva a todos. Me lembo do filme “Rocky, um Lutador”, do Diretor Avildsen de 1976, cujo tema é o lutador americano, de origem italiana, contra o lutador negro - o inimigo. No segundo filme da sequência Rocky, ele ficou amigo do lutador negro e o inimigo era russo, comunista. Na sequência de filmes, em um deles, ele chegou a treinar o filho do Apollo (lutador negro). Hoje já temos outras referências nas mídias com visibilidade de alguns super-heróis negros e de outras etnias - Fanon (2020) comenta sobre o poder destes arquétipos nas fases do ciclo escolar. Houve um movimento buscando, aparentemente, a retratação de narrativas. Essas relações ilustram um pouco o caminho que devemos fazer para desconstruir o que nos constrói - uma narrativa branca, colonialista, eurocêntrica, que traz racismo e, em grande medida, a ausência de outros parâmetros. Nas narrativas da branquitude, ser anti-racista é, em grande medida, dizer que não existe racismo. Como ficam estas mensagens na escola e nos conteúdos culturais e didáticos?

Nas Antilhas, o jovem negro, que na escola repete incessantemente “nossos pais, os gauleses”, identifica-se com o explorador com o civilizador, com o branco que traz a verdade aos selvagens, uma verdade toda branca.” (FANON, 2020. p.163)

Seguindo um pouco na exploração de minhas memórias, lembro ainda de uma história que meu tio me contou. Ao ir para a África do Sul, na época do *Apartheid*, ele foi ao mercado com seus colegas de trabalho e de viagem. Ele foi

pegar seus produtos na prateleira dos negros, o amigo dele na dos brancos. Meu tio alertou o amigo que ele deveria pegar o produto da prateleira para “colored people” (tradução livre: “pessoas de cor” - reflexão: pois o branco seria o “normal”). Bem, retomando a história que ficou icônica para mim, o amigo que se enxergava como branco foi pegar seus produtos na prateleira dos brancos. Foi imediatamente repreendido pelos funcionários do mercado e teve que se juntar ao meu tio para fazer compras na parte permitida aos negros. Novamente o olhar. O olhar enxerga o que quer, como quer, com as informações que recebeu. Se este amigo tivesse tido uma educação onde sua autoestima não fosse “diminuída” por ser negro (pardo, marrom bombom, moreninho, bronzeado de forma pejorativa...), não teria sua negritude “desmascarada” em uma ação de sustentação à segregação racial. “Há identificação, ou seja, o jovem negro adota subjetivamente uma atitude de branco” (Fanon, idem, p. 163).

Apesar de experiências intensamente negativas, me formei na escola ainda acreditando que a educação é capacitante, que ela aumenta nossa capacidade de ser livres (HOOKS, 2013. p. 13).

3.3 MASCARAR O RACISMO É ESTRATÉGIA RACISTA E CONSOME AUTOESTIMAS

Ouvi muitas vezes, também na escola, de colegas ou profissionais, que determinada ação, dirigida a mim ou a outros, não era racismo, apenas brincadeira (uma definição). Mas as ações e suas consequências não se alinhavam com a definição. Eu não estava brincando junto e nem me divertindo. Piadas, considerações racistas e suas afirmações ferrenhas, engajadas e ufânicas são memórias que não preciso e nem quero narrar agora. Não traria novidades, se você for branco sabe bem do que falo, pelo mero convívio com os pares da branquitude. Se for negra/negro conhece bem tais atitudes, ainda que não se identifique como negro(a) ou que não acredite em racismo.

Certa vez, na escola, eu devia ter uns 13 ou 14 anos, estava rolando uma brincadeira na sala. Era um bilhete, tipo um cartão de pertencimento a algum tipo de clube. Sim, esta “piada” chegou em minhas mãos, alguém me passou e alguns ficaram me olhando para ver a minha reação, imagino eu. O cartão/papel, trazia

frases de efeito. Estas se contradiziam gerando uma modalidade de piada. Só lembro de uma frase que dizia mais ou menos assim: “Não somos racistas, mas temos o direito de ter um negro amarrado no quintal”. Esta seria a hora de rir.

Esta era a piada feita para provocar risos, entre outras coisas. Retomo que eram meus amigos do tempo da escola, eu era convidado para festinhas, não para todas, nos dávamos bem, jogávamos e em alguns casos íamos nas casas um dos outros. Morávamos no mesmo bairro ou bairros vizinhos e alguns pais, incluindo os meus, se conheciam. Era uma infância segura, em uma espécie de bolha da classe média, criada naquele bairro e pela inserção social de muitos pais. Era uma escola privada. Maioria esmagadora branca. Eu tinha um professor negro.

Eu disse que era um ambiente seguro, não livre de racismo - seguro nos limites em que o racismo não interfere, seguro para os normativos, talvez uma espécie de oásis para a classe média. Lá, não fui xingado de forma acintosa, como vi fazerem estudantes de medicina em jogos universitários em uma reportagem jornalística agora em 2024. Não que eu saiba, não na minha frente. Os comentários certamente ocorriam entre alguns, reproduzindo o olhar e o conhecimento estabelecido sobre o que o negro representa - aconteceriam com ou sem a minha presença.

Conviver em um lugar de segurança da branquitude, faz com que tenhamos que nos adaptar aos comportamentos típicos da supremacia branca. O negro, fora das relações afetuosas mais íntimas, seja de amizade ou cumplicidade, desempenha o papel de negro no pacto da branquitude (BENTO, 2021). Pode participar em várias situações e contextos, mas representando o papel esperado, suportando e lutando com as práticas da branquitude.

Mas para aproveitar o que a escola tinha a me oferecer, além das aulas, como o convívio e as atividades que demandam se relacionar, tive que aderir ao pacto da branquitude pelo viés da ausência (KILOMBA, 2020). Ainda que eu me pronunciasse contra o racismo, não surtia efeito. Como uma criança negra adere ao pacto da branquitude?

Eu acabei, desde criança, aprendendo em casa a me “defender” o máximo possível do racismo das ruas e da escola. Meus pais me ensinavam frases úteis, conversávamos a respeito e parentes compartilhavam suas experiências e conselhos. Nossos pais sabem que sofreremos racismo, muito, e nos preparam para o baque, assim como preparamos nossos filhos e filhas. Mães e pais, avôs e avós,

famílias com filhos negros, devem ter uma atenção especial ao letramento racial, educação antirracista e legislação, além de medo da polícia. Para o bem de suas filhas e filhos. Mães e pais, avôs e avós, famílias de filhos brancos ou que se comportam exercendo valores discriminatórios, deveriam se atentar para que seus rebentos não cometam atos infracionais ou crimes, quando maiores de 18 anos. Para o bem de suas filhas e filhos.

As discussões trazidas por Fanon (2020) mostram como a educação formal nos molda com valores colonialistas, hegemônicos e eurocêntricos. hooks (2021) compartilha sua experiência sobre como foi estudar na mesma escola dos brancos em um período de segregação física e institucional enquanto política legal. Fanon menciona que o negro das Antilhas, em seu recorte histórico, recebia uma educação dos brancos, e quando ia estudar na Europa, descobria o que é ser negro entre brancos que exercem a branquitude normativamente. Absorve-se os valores da branquitude, mas não os privilégios.

Retomando minha história, já ouvi dizer (para inúmeras situações diferentes) que a intenção não era de ser racista, mas... - porque este “mas...” sempre aparece neste tipo de discurso? Me parece que sempre vem: ... mas você há de convir que, realmente, os negros(as) são...”. Então não há intenção? Em minha perspectiva não muda nada, com ou sem intenção racista, o fato acontece e seus impactos realmente independem dos motores geradores da ação.

Minha percepção, de vida, na pele, é de que, em nossa sociedade, temos aqueles que acreditam que não existe racismo. Em nossa sociedade para uma pessoa ter a interpretação de que não existe racismo, creio que são necessários pelo menos três fatores: ou a pessoa não é racista, ou não pratica racismo e não recebe, portanto não enxerga, ou simplesmente, não percebe, não enxerga, nega sua existência, mas pratica sim. Interessante refletir que uma das possibilidades para que isso aconteça é a crença de que o racismo é ruim, apesar de “certo”.

São pontos de vista racionalizados de forma a tentar criar uma “máscara” que encubra a existência do racismo e por consequência a branquitude. Vamos nos posicionar sobre aquelas pessoas que “não acreditam em racismo”, o que é um fato recorrente no Brasil. Reflito se a unidade da branquitude - ser branco ou não ser negro(a) - oferece a visão de que não só elas não sejam racistas, mas que nenhum dos seus pares brancos sejam. A invisibilização ausenta a discussão de algo propondo que este não existe. Uma excelente forma de manter as coisas “no lugar”.

Assim se fortalece o discurso de que racismo é uma intriga da oposição e a oposição tem cor. Como ficaria aquele garoto, aquela menina que viu o boneco do jogador Viny Jr. pendurado numa forca, bananas jogadas aos gritos de macaco, quando ensinada que racismo é implicância dos negros, que não existe. Nada pior para a autoestima negra e para a formação da sociedade.

4 OUTRAS AÇÕES, MAIS RELAÇÕES, REVISITANDO REFLEXÕES

Quantas nuances do racismo se constituem com ou sem a intenção de agredir. Afinal uma crença, tida como verdadeira não agrediria o outro, no máximo uma brincadeira com fundo de verdade... a intencionalidade ou a falta dela não significa que o racismo não esteja atuante e destruindo autoestima. Retomando o exemplo acima, a defesa contra o racismo, comumente, se passa(va) por retirar, invisibilizar a identidade racial sem questioná-lo, apenas propagando-o. Podemos então dizer que outras ações podem combatê-lo, ações de amor, ações que defendem, protegem e constroem autoestimas danificadas e diminuídas pelo racismo.

É importante eu seguir compartilhando com vocês algumas passagens de minha vida para ilustrar a necessidade imperativa de se afirmar a autoestima como aspecto fundador de identidade e participação social saudáveis. Como falar de identidade e participação social sem falar em educação, em crianças que se tornam adultos, sem falar do Racismo na escola. Me diga, estamos falando da autoestima de quem? No Brasil a educação (presencial em escolas públicas ou privadas) é obrigatória dos 4 aos 17 anos e o Plano Nacional de Educação (2014-2024) tem a meta de atingir 50% de atendimento das crianças de até 3 anos, aumentando de 4,1 milhões para 5 milhões de crianças até 3 anos matriculadas - de acordo com o Censo Escolar 2023, MEC e INEP⁶.

Na minha trajetória tive que aprender a desconstruir a ideia de que os referenciais eurocêtricos são uma convenção que estabelece parâmetros. É um processo, para cada um é diferente. São descobertas. Mas fazendo este trabalho, durante uma das orientações, descobri que ainda não tinha buscado autores não europeus no campo da psicologia, psicanálise e suas relações. Eu já me achava relativamente alerta no campo da educação e ciências sociais, mas este é um processo que deve estar sempre ativo. Estar aberto não quer dizer que “nasci” consciente, mas que busco desconstruir a hegemonia normativa eurocêntrica. Recebi em casa, uma educação consciente do racismo e hoje vejo como é

⁶ “Acessado em Nov/2024 em:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/mec-e-inep-divulgam-resultado-do-censo-escolar-2023>.

importante construir trajetórias de desconstrução dos valores absorvidos e transmitidos pela sociedade (educação, mídias, interações).

Trouxe acima Franz Fanon, que discute o tema acerca da psicanálise de Freud a Jung, lembrando que nenhum destes se aderiu às causas negras ou não-brancas. “O homem e seus símbolos”, eu adorava ler este livro de Carl Jung, o legal para mim era ter um contraponto ao status freudiano, sisudo, que domina as mentalidades ocidentais. Até porque Freud explica, e se explica, o faz sob uma perspectiva eurocêntrica. Para uma validação das relações de racismo passando pelos conceitos destes cânones, recomendo as considerações de Fanon - sobre o livro citado anteriormente. Mas podemos nos aproximar de perspectivas, neste campo de conhecimento da psicologia, que são explorados por referências do campo, as quais se dirigem diretamente ao racismo e suas aproximações, das quais destaco a autoestima. Falar da autoestima, muitas vezes é falar do que a alimenta ou do que a desnute. Compartilho a citação de um destes referenciais, Grada Kilomba: “Aí aprendi qual é a função de uma história. É tocar nas emoções e nas memórias mais profundas que temos. E trabalhá-las⁷.”

A psicologia ainda engatinha nas contribuições às problematizações dos povos e diásporas negras no nível de profundidade que agregamos e buscamos no combate ao racismo. Mas, lá atrás, oportunidades e disponibilidade para aberturas de pensamento, se constituíram um caminho de abertura que tive que desconstruir para evoluir em compreensão. Como um caranguejo que troca a carapaça, constrói uma para sair da primeira e abandona a segunda para crescer, e assim por diante. Creio que guardadas as devidas proporções, todos nós seguimos alguns arquétipos. Vejo problema em não reconhecer esta máxima, em não se enxergar, ou em se enxergar como acima do “bem e do mal”. A herança e presença colonialista se coloca acima de qualquer suspeita, normativamente.

A busca de referenciais, nas áreas que quisermos buscar, que trabalhem o racismo em seus cotidianos, também é uma injeção para a autoestima negra. Na construção de mentalidades menos racistas, se formos, por exemplo, estimular que educadores ao redor do país a implementem seu letramento racial, devem adentrar cada vez mais no repertório de referências na área. Que façam pensar antes de

⁷ “Grada Kilomba, entrevista (2023) acessada em: <https://expresso.pt/revista/2023-07-22-Grande-entrevista-a-Grada-Kilomba-Espero-que-cheguemos-a-o-presente-4bf21fe8> em Novembro/2024.”

planejar. Por exemplo, Grada Kilomba, também na perspectiva de conhecer mais sobre a origem de seu nome, sua trajetória, sobre seu trabalho e o que, em suas obras e teorias, pode contribuir para as nossas realidades e demandas. Como transformar este conhecimento em elementos para a prática docente, é o campo de atuação de cada educador, que filtrará dimensões e conteúdos para cada demanda existente - para tanto, o letramento racial deve fazer parte de suas formações e formações continuadas.

Então, abrem-se caminhos para a dimensão do ganho à autoestima que professoras/es podem ter em contatos mais afetivos, com reflexões relevantes. Por exemplo, trago o comentário feito sobre Grada Kilomba após sua participação na Feira Literária de Parati - FLIP, no site da Federação Brasileira de Psicanálise - FEBRAPSI.

Kilomba oferece ao público uma aula sobre como se dá, do ponto de vista psíquico, a tomada de consciência da violência que exercemos cotidianamente e o que é possível fazer com ela. Com isso, convida à mobilidade. Ela oferece saída para o opressor, uma saída que dá trabalho⁸.”

Sendo negro em ambientes educacionais predominantemente brancos, há um convite a pensar sobre a questão de que na escola, está a ausência (Kilomba,2020) de vozes negras e a hegemonia de uma branquitude que estará lá, não só nas interações racistas, mas também nos materiais, conteúdos, formas de interagir e de construir relações e identidades. Voltando ao meu primeiro dia de aula, no Pré, me lembro da sala. Era dia, mas as luzes estavam apagadas e não batia sol. Ótimo não bater sol, pois aliviava o calor. Ponto para a arquitetura. A minha sala ficava no final de um corredor onde as salas das outras turmas se dispunham do lado direito e as janelas do lado esquerdo. Ao entrar na turma o mesmo padrão, a porta na esquerda, aberta, mostrava os janelões, como uma parede de vidro modernista do lado esquerdo iluminando o resto da sala com uma iluminação não direta, acinzentada. A sensação era de distanciamento, de emoções acolhedoras, estranhamento, as carteiras ficavam do meio para o fundo, a professora no canto esquerdo da sala atrás dos janelões.

⁸ Acessado em [Grada Kilomba: imagens, palavras e símbolos que mudam de lugar](https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/grada-kilomba-imagens-palavras-e-simbolos-que-mudam-de-lugar/) » FEBRAPSI <<https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/grada-kilomba-imagens-palavras-e-simbolos-que-mudam-de-lugar/>> em Novembro/2024.

Não lembro da professora, nem de memórias de acolhimento para além da recepção na turma, mas lembro que a maioria de nós ficávamos mais para o meio e fundo da sala, longe das janelas. As luzes apagadas, a iluminação indireta, sem sol batendo tornava o ambiente sombrio para uma criança, como insisto em frisar. Descrevi imagens, cenários, sensações que se tornam sentimentos, sentimentos que se tornam experiências significativas em nossas vidas. Como em grandes narrativas, descrevi o ambiente, situei vocês visual e emocionalmente.

Provavelmente muitos de nós podem ativar memórias e sensações há muito adormecidas, pensamos em nós, em nossos filhos... deixei minhas crianças neste ambiente e achei que estava tudo redondinho. Primeiro dia de aula, racismo, educação, várias relações relevantes. Retomando a memória deste dia, agora vem a parte sobre a minha percepção de criança. Como percebi o que acontece dentro deste ambiente? Lembro que para ter atenção da professora eu tinha que ir chegando pelas beiradas. A maioria da turma ficava no fundo e não lembro das atividades agradáveis ou memórias escolares nesta escola. Lembro de correr no pátio, conversar com os amiguinhos e de uma sala que ficava no meio do pátio. Uma casinha tipo castelinho, provavelmente um ponto de esgoto ou água. Falavam que tinha uma caveira lá dentro e que alunos bagunceiros ficavam trancados lá como castigo, com um esqueleto, no escuro.

Partindo do princípio de que uma criança de 5 anos não inventa este tipo de castigo do terror, em algum momento isso foi dito intencionalmente por alguém. Quais seriam as intenções? Assustar, reprimir, oprimir e mostrar que o castigo torturante é uma linguagem de mediação. Nada mais apropriado em uma escola que leva o nome de um general ditador. Em uma ponte para o presente, a sociedade brasileira teve e mantém um *revival* perigosíssimo de aspirações ditatoriais ainda buscando ou idolatrando isto, algumas vezes, com violência. Idolatra-se uma ditadura que tinha como práticas correntes a tortura, a perseguição e o assassinato. Ainda, compactuam com o tipo de status que corrobora com o racismo e as intolerâncias. Hoje, parte daqueles setores da sociedade que apoiam narrativas herdadas da ditadura, combatem sistematicamente a educação como prática da liberdade, a educação libertária e as pautas de direitos civis e inclusão dentro e fora da escola.

4.1 O QUE GUIA NOSSAS AÇÕES

Quais símbolos, se tornam ações que nos trazem racismo e discriminação em nosso contexto histórico, político, cultural, social, confessional, mercadológico, educacional e geográfico? Estamos combatendo arquétipos eurocêtricos e buscando fortalecer a identidade Negra. Fanon, psicanalista, tensiona as teorias dos cânones da psicologia e filosofia, levando-as para o território das teorias sobre o racismo. Precisamos de novos parâmetros para lidar com estas questões. A educação, desde os pequeninos, é central para que as oportunidades possam aflorar, prosperar e serem aproveitadas.

Se formos pesquisar encontraremos inúmeras práticas feitas ao redor do Brasil que trazem trabalhos fantásticos nas relações étnico-raciais e no campo das discriminações. São muitas e muitos “anônimos”, porém ainda poucos, somando, frente às necessidades de nosso contexto histórico. A autoestima não se funda apenas nas discussões sobre o que é ou quais suas dimensões e definições, mas em trabalhar o fato de que cada ação ou omissão constrói ou desconstrói a autoestima alheia, em algum momento o outro pode ser você.

4.2 INTENCIONALIDADE E EFETIVIDADE DAS AFETIVIDADES - REFLEXÕES CRÍTICAS PARA CONSTRUIR IDEAIS.

[...] mãe de um menino pequeno, gabou-se de não bater nele, afirmando que, quando seu filho se comportava mal, ela o beliscava, apertando sua pele até que ele entendesse a mensagem. [...] “Fiquei chocada. Eu era uma voz solitária defendendo os direitos das crianças.” [...] conversando com outras pessoas, sugeri que todos ficariam estarelecidos se escutássemos um homem dizer que toda vez que sua esposa ou namorada faz algo que lhe desagrada, ele apenas a belisca com toda a força. Todos veriam esse ato como coercitivo e abusivo. Entretanto, não conseguiam reconhecer o que havia de errado com o fato de um adulto machucar uma criança dessa maneira. Todos os pais naquela sala afirmavam ser amorosos. Todas as pessoas naquela sala tinham ensino superior. A maioria delas se dizia progressista, defensora dos direitos civis e do feminismo. No entanto, quando se tratava dos direitos das crianças, tinha um padrão diferente. (hooks, 2021, p. 56)

A relação da narrativa de hooks nos traz outro paradigma que funciona também para pensarmos os impactos do racismo na infância. A algumas categorias, alguns direitos e o processo de humanização não só não são contempladas, como estas categorias não são entendidas como sujeitos de tais direitos e conseqüentemente se naturalizam e legitimam as violações. Cida Bento (2021) aborda a questão do narcisismo da branquitude. Esta se torna então invisibilidade e ausência (KILOMBA, 2020) do que não pertence à branquitude. A presunção narcisista, nesta referência, normatiza e naturaliza o branco como normal. Logo o que não é branco se torna não pertencente à normalidade normativa. Na intersecção destas 2 palavras: crianças-negras algo se perde (na autoestima também) sob o jugo do racismo e suas formas. Na verdade as perdas são incalculáveis.

Trabalhar a autoestima na perspectiva que me aproximo, é trabalhar na desnaturalização de ações que se concretizam em discriminação racial e a concretização de ações que se materializam no tipo de amor contidos na discussões de hooks e Freire, culminando em uma abordagem de autoestima enquanto sensibilização de todos os atores envolvidos em episódios de discriminação racial individual ou estrutural. A intencionalidade é amiga da autoestima quando antirracista. Vou definir intencionalidade estrutural como sinônimo de naturalização do racismo, de possibilidades de ser racista sem se sentir racista. Aspecto importante no enfrentamento da validação dos fatores que influem na autoestima de alunos negros e negras.

A intencionalidade estrutural agride a autoestima em vários níveis. Um deles é o nível onde somos diminuídos por denunciar um racismo que é negado em sua existência, mutando, ausentando, diminuindo nossas vozes e invisibilizando nossas reivindicações por respeito e direitos. Este quadro também frustra nossas perspectivas de sermos ouvidos e mais respeitados, pois anuncia que o racismo continuará naturalizado, não discutido, perpetuado.

Penso na narrativa de “Tudo Sobre o Amor” (HOOKS, 2021) quando a autora compartilha que quando passou para uma escola não segregada, ela sentiu mais segregação. Hoje ainda que em momentos históricos distintos, sentimos a mesma descoberta de hooks em idade escolar, a de que o fato de uma escola não ser segregada - entre escola para brancos e escola para negros - não quer dizer que não há segregação. Nesta sequência de ações, voltamos à questão de como proteger a autoestima, quais ações são necessárias.

Uma educação antirracista plena e consistente no campo da multidisciplinaridade curricular, enquanto elemento essencial e obrigatório para cada e todo professor, educador, escola, curso superior, formação para políticos e gestores, formação militar, tutor, enquanto formação continuada ou paralela obrigatórias, poderiam auxiliar no problema de tutores (família), educadores, sociedade e alunos: Desconstruir o status de submissão para estes atores sociais que sofrem exposição e influência dos ideais, narrativas e conteúdos da hegemonia branca. Podemos pensar na falta de intencionalidade como ação racista.

A Formação antirracista no âmbito da proteção à autoestima encontra barreiras em mentes que estão fechadas com a naturalidade de preconceitos e com a desumanização interna de cada ator social na desconstituição da dor do outro, na invisibilização de que a crença hegemônica racista vai além de pendurar negros em uma cruz e tocar fogo - como faziam os extremistas americanos brancos e, permitam-me a analogia sobre violência e dano físico, como faz a “polícia e o estado brasileiro” nas ações comprovadas pela justiça e denunciadas pela sociedade, mídias, instituições governamentais e não-governamentais.

As atitudes e práticas violentas física, institucional e eticamente, são mais difíceis de serem combatidas e não desnaturalizadas quando seu gatilho detonador é o racismo incrustado nas práticas sociais. Uma das práticas sociais mais abrangentes institucionalmente é a educação formal. Na escola muitas vezes é impossível fugir do convívio e das vivências que trazem este flagelo como motor norteador de atrocidades. Como passamos pela escola pode ser visto de 3 formas: sair da escola perpetuando racismo, sair da escola evoluindo para práticas, ideais e mentalidade antirracista, sair da escola sem nunca ter se questionado sobre porque muitos se recusam a admitir que praticam ou recebem discriminação racial, entre outras.

Na escola e nas ruas, no convívio extra-escolar, a criança negra que se recusa a conviver ou a interagir com todos aqueles que têm o racismo como naturalizado em suas ações cotidianas, se assim o fizer, estará potencialmente e em diversas camadas, isolada - em diversificados momentos do convívio escolar. Conseqüentemente esta criança terá que conviver e até mesmo aceitar o racismo em maior ou menor grau para fazer parte do grupo. Aí temos parâmetros para avaliar onde as coisas mudam, onde as coisas não mudam. As relações constroem

os meios, portanto temos que trabalhar relações, seja qual for o meio. Em suma, continuamos formando pessoas racistas porque mediam suas realidades e aprendizagem com permissividade ou estímulos discriminatórios. Aqui destacamos o racismo e suas interseccionalidades. O meio e suas relações nos tornam racistas, machistas, homofóbicos, classicistas para nomear algumas práticas desumanizantes.

É fundamental então entender a autoestima como elemento que, independentemente das suas possíveis definições, é estrutural na concepção de “ser”, de realizar, de se planejar. As relações que constroem o meio têm que estimular a autoestima, tendo em mente, que já trouxemos o fato de que quando falamos de meio, estamos falando das interações que ocorrem entre os pares nestes contextos. As relações possíveis e as construídas, ensinadas, aprendidas e reproduzidas.

4.3 RACISMO E CONVÍVIO ESCOLAR, RELAÇÕES QUE GERAM RELAÇÕES

Quando eu estava na escola comecei a perceber que boa parte, ou a maioria das pessoas e das crianças eram racistas e que nem sempre o racismo impedia ou impede as interações, as acompanham. Ainda que eu apontasse o racismo eu não tinha o poder de convencê-los de que era errado, pois era natural; externaram das formas mais sutis ou escancaradas que este é um *status* normal em um mundo com base colonialista, eurocêntrica, de branquitude normativa. O máximo que acontecia era a superação do racismo enquanto segregação de amizade e convívio, mas nunca, ou com pouco alcance, o abandono de crenças ou paradigmas estruturais racistas - como a “ausência” (Kilomba, 2020).

Não ser racista era ter um amigo negro, mas com a tranquilidade de reconhecer e reproduzir narrativas racistas como verdades. O paternalismo racista imperava. Continuamos todos amigos, mas sei que ao longo dos anos a compreensão sobre racismo mudou a cabeça e o comportamento de muitos e a transformação acontece quando há discussão sobre racismo. Lembro de um amigo que ao entrar na faculdade, em 1 ano, já estava com outra mentalidade sobre o racismo, lembro por causa de nossas conversas. Sorte (ou construção) ter encontrado um meio onde se desconstroem preconceitos.

Estas considerações também são o tempo presente para mim e para outros, talvez até para você. Estas eram práticas correntes, naturalizar o racismo, mas o tempo passa e ganhamos as devidas atualizações discriminatórias. Se tem alguma dúvida, compartilho minha experiência desta manhã. Costumo checar as notícias pela manhã e em 10 minutos encontrei 4 novos casos de racismo. Não vou citar nem falar a data. Hoje é a data. Então, se tiver dúvida, busque as notícias de hoje, da semana, do mês, do ano e multiplique por séculos.

Assim visualizando como o racismo se aplica nas escolas, como afeta a construção e preservação da autoestima da população negra. Como lidar com sociedades e pessoas que promovem estruturas convictamente racistas? Escolho a palavra convictamente não abertamente, porque quero destacar o elemento convicção na naturalização das discriminações, o qual proporciona mais barreiras para o letramento racial.

4.4 TRABALHO NA PERSPECTIVA DO AMOR, AUTOESTIMA PARA CONQUISTAS PRETAS

Como a autoestima afeta a construção de cada cidadão e cidadão, de cada criança e adolescente, de cada jovem e jovem adulto que busca colocação no ensino superior e no mercado de trabalho? O racismo afeta a autoestima, desconstitui e remove direitos, oportunidades, ataca a dignidade, identidade e representatividade, além de invisibilizar, relativizar e minimizar as discriminações existentes e seus alvos. Em uma perspectiva de que a escola prepara as crianças para inserção na sociedade e no mercado de trabalho, a desatenção à autoestima das crianças negras as coloca em desvantagem em relação às expectativas de vida identificadas como possíveis ou plausíveis àqueles que não sofrem racismo - o privilégio da branquitude.

Se a educação deve ser um ato de amor, uma educação que permite ou produz racismo é que tipo de ato? Se o racismo são atos que acontecem o tempo todo em todo lugar, podemos pensar no amor como ações e relações que precisam ser construídas o tempo todo em todos os lugares. bell hooks (2021) traz várias dimensões, categorizações e construções de amor e autoestima nos proporcionando opções para construí-lo dentro de nossas individualidades e contextos.

Podemos inferir com segurança, que a criança necessita do outro para ser amada e para aprender a construir amor-próprio, portanto para desenvolver sua autoestima. Considerando o “eu” negro/negra em relação ao outro, quem seriam, quais funções desempenham os outros na educação formal - colegas, professores, diretoras, pedagogas, tutores, rede de apoio, Estado - e como podemos viabilizar a sensibilização e consequente ação sobre o termo?

Durante o curso de pedagogia, eu fiz 3 estágios obrigatórios distribuídos na rede pública municipal e estadual. No último que fiz, surgiu a discussão sobre amor e pedagogia entre a orientadora de estágio e a turma. É importante, para o campo da educação formal, as discussões não fiquem soltas ou dependendo das contingências e interesses individuais que possam deixar de lado algumas questões importantes como o letramento racial e a educação antirracista. Quero dizer que é um problema de todos e portanto deve ser uma demanda à todos, não deve ser esperada resposta apenas no campo do posicionamento individual pelo trabalho, pelas crianças e alunos. Todos estes fatores devem correr juntos.

Em “Tudo Sobre Amor” (2021), bell hooks narra suas experiências como aluna e professora. Ao refletir, intertextualizar, que Fanon (2020) narra o encontro de jovens negros com as universidades “brancas”, decidi compartilhar outra história. Comecei a lembrar da minha primeira experiência no ensino superior. Eu tinha tranquilidade e autoconfiança a respeito de minhas possibilidades e habilidades em performar qualquer que fosse a disciplina matriculada, apesar de algumas dificuldades e reprovações. Com o tempo e talvez com mais precisão, hoje, percebi que alguns outros alunos e até mesmo um ou outro docente(s) viam com grande surpresa qualquer desenvoltura minha no campo acadêmico, intelectual ou de criatividade, especialmente quando chamava a atenção, positivamente, de outros alunos e professores, sob a ótica e parâmetros de alguns observadores. Em alguns momentos a surpresa se tornava animosidade competitiva, como se eu não tivesse o direito de “ser no mínimo tão qualificado” quanto alguns deles. Fosse nas aulas, ou pelas naturais curiosidades e reciprocidades afetivas. Mais de uma vez meus amigos vieram me avisar, uma vez sobre uma docente e outras mais sobre outros alunos que eram racistas ou que “estavam implicando comigo”...

Em um destes casos um amigos(as) me avisaram que meu trabalho de conclusão de uma disciplina estava indo para conselho. Motivo: uma aluna questionou que se eu tinha passado, ela também teria que passar. Fui avisado por

amigos(as) como disse antes, era um daqueles casos. Embora nem eu, nem meus amigos pudessem afirmar que era um caso que envolvia racismo, assim como meus amigos que achavam que foi, a coordenação e uma das técnicas foram muito atentos, me senti respaldado. Me pareceu que eles também perceberam ou tinham a sensação de que aquilo era absurdo. Interessante, avaliamos que o racismo também estava ali, mas que tipo de ação e qual motor gerador? O problema não era individual, comigo, não éramos amigos próximos, mas me lembro de ter uma relação tranquila enquanto colegas de turma. O problema, em minha avaliação, era ser negro, no dia errado, na sala errada (este foi um jogo de palavras, nunca me arrependi, amei aquelas aulas, o professor e adorava minha turma). Retomando, o primeiro argumento em momento de estresse, em minha avaliação, foi: se até um aluno negro passa, porque eu não?

Em minha perspectiva, o problema é que, ao se sentir prejudicada, esta colega, provavelmente buscou os argumentos que tinha em mãos para tentar se defender. De qualquer forma julgaram de forma técnica e dentro dos regulamentos, com avaliação idônea dos trabalhos. Sim, meu trabalho foi utilizado pela discente como parâmetro para que o trabalho dela fosse aprovado. Seu argumento foi de que se ele(eu) passou, eu (ela) também tenho que passar. Será que recebeu orientação da família e de amigos para empreender aquelas ações? Eu estava seguro sobre meu trabalho, por mim, porque os amigos veteranos que viram o processo de fazê-lo disseram que estava bom.

O máximo que poderia acontecer, pensava eu, neste processo, era ela ser aprovada também, o que não aconteceu. Eu já tinha sido aprovado pelo professor e agora estava aprovado por uma banca. Por este lado meu ego inflou, pensei, sou muito bom! Isso minimizou um pouco a sensação de ser apunhalado injustamente por proposições de caráter duvidoso. Veja bem, temos que reconstruir nossa autoestima a cada momento e não significa que minimizamos ou jogamos os problemas para baixo do tapete.

Não é importante que as pessoas se lembrem dos detalhes do abuso. Quando a consequência desse abuso é um sentimento de falta de valor, elas ainda podem se envolver num processo de auto recuperação ao encontrar formas de afirmar o próprio valor. (hooks, 2021. p. 83)

Apesar de eu me sentir à vontade e integrado naquela disciplina, eu a fazia com uma turma que não era "a minha", mas que fiz amigos que estimo até hoje. Acumulamos boas memórias juntos. Neste parágrafo me permitirei amar amigos que não vejo há tempos, talvez até leiam este texto e lembrem que são queridos. Na minha turma original, onde fui calouro, em outras turmas que participei, assim como com colegas de outros períodos, sempre me senti protegido e acolhido. Minha turma aqui na pedagogia, minhas turmas e turminhas, também adoro todas/todos até hoje. Grandes amigos no trabalho e em vários outros ambientes.

Como homem negro posso dizer que nas relações pessoais conseguimos vivenciar momentos sem racismo, mas nem sempre mentalidades sem racismo. Em paralelo, quando olhamos para o lado, enfrentamos outras atitudes, racismo, de outras frentes, as quais temos que cortar, responder e agir em nossa defesa, contra a discriminação. As defesas vão de verbais à legais. Como escreveu hooks (2021), não temos responsabilidade sobre a ação de outros. Tenho amigos brancos que são mais atuantes no combate ao racismo do que eu, outros que não admitem racismo em suas presenças, e aqueles que nos alertam quanto ao racismo que eles estão percebendo.

A sensibilização, a educação, o letramento racial são efetivos se não encontrarem resistência - e sempre há. O racismo estrutural pode não evoluir em alguns graus de relações pessoais, mas isso não quer dizer que não continue se manifestando nestes mesmos contextos. Talvez confuso, talvez paradoxal, mas definitivamente real. Isso não quer dizer que a branquitude não colocou suas asas sobre minha trajetória acadêmica, seja em conteúdos de conhecimento, seja nas experiências pessoais. Trazer a atenção e sensibilizar para as nuances do racismo em suas ações aparentemente "neutras", onde há consenso de que o lugar do negro não é ali e se for aceito, não obterá o lugar de privilégio da branquitude.

Temos que lidar com esta espécie de "paradoxo". Devo lembrar que, em um outro curso universitário, fui avaliado com nota 2,0 de 10,0 em um trabalho, porque era "consistente demais" para eu ter escrito. A própria professora admitiu que fez as pesquisas necessárias e não encontrou nenhum plágio ou trabalho parecido. Mas manteve veementemente sua decisão de que eu não seria capaz de fazer um trabalho como aquele. Ela aparentava ser uma docente que já tinha certas "reservas" com o curso de pedagogia, mas nunca imaginei que fosse tão longe, meio

irracional para meus parâmetros, mas, mesmo assim, manteve 2,0 como nota do trabalho.

Compartilhei esta história em uma aula do mesmo curso, anos mais tarde, em um contexto onde racismo não era o tema gerador da conversa. Falávamos das relações entre docentes e alunos, onde alguns colegas compartilhavam algumas experiências que os diminuíram no universo destas dinâmicas. Mas, quando compartilhei o caso, eu estava em uma turma com pessoas que não estavam lá e nem sabiam do que tinha acontecido, que tomaram conhecimento da mesma forma que compartilhei aqui com vocês. Tive o feedback de que o racismo estava lá. Bem parece que algumas coisas afloram como evidentes, ainda que no campo das narrativas e suas interlocuções.

A partir destes últimos comentários sobre minhas vivências, minhas memórias, minhas narrativas quero destacar que em muitos contextos, nós não vamos nos avaliar, crer, nos enxergar racistas ou portadores e disseminadores de outros tipos de preconceito e consequentes discriminações. Mas em muitos contextos as ações que se originam da “legitimidade” do racismo estrutural e institucional, as ações que se materializam desta forma, não vão ser percebidas como tal por uma visão generalizada de que o racismo é. É mais fácil perceber o racismo quando nós “xingamos” diretamente uma pessoa negra. Ele é bem mais complexo e capilar em nossas relações cotidianas, invisibilizado pelo normativismo do que podemos denominar de colonialismo (eurocêntrico), supremacia branca, branquitude.

Ele é como a “Matrix” (filme, Lilly e Lana Wachowski. 1999), está em todos os lados, escolhe o que vemos, todos estão a serviço da Matrix, exceto os transgressores do sistema, os que se libertam, ou melhor, os que são libertados. Em uma situação hipotética, uma determinada pessoa presencia uma ação racista, mas quando não temos empatia com a vítima, não nos sentimos racistas, apenas não interferimos, não notamos e até podemos achar que é uma verdade ou um fato e portanto não deve ser levado adiante. Retomo que escuto e escutei muito que o racismo é uma “implicância com os brancos, por parte dos negros vitimizados, que dizem que tudo é racismo”. Neste sentido, para o bem de nossa autoestima, vale considerar que, em parte, trazendo profundos impactos coletivos e individuais, é preciso manter em mente que, para nossos propósitos, uma das características estruturais do racismo é a negação do próprio racismo.

5 FINALIZANDO AS REFLEXÕES

Ler sempre foi uma espécie de diálogo, conversa com entes que não estão presentes em minha realidade física. Escrever, compartilhar histórias pessoais é um desafio prazeroso.

Para trabalhar a autoestima é preciso se afastar das reações enérgicas, pois hooks (2021) nos traz a necessidade de cuidar das crianças, do enfrentamento do racismo, de semear amor com amor, sendo o começo de tudo o “amor-próprio” e a necessidade de se afastar das predisposições que diminuem nossa autoestima. A empatia necessária para trabalhar a autoestima de outros, sejam adultos ou crianças, passa pela capacidade de amar.

O combate ao racismo, proteger a autoestima, não pode permitir momentos e vivências que possam oprimir, excluir, inviabilizar, ou mesmo deixar a criança se sentir ou ser agredida por racismo - e por outras relações. É preciso estimular nossas percepções através do letramento racial. Estar atento às situações através de um olhar criterioso e carinhoso, para evitar a constituição de traumas perenes ou efêmeros que cada criança pode estar alimentando por não saber combater as ações racistas. Torço que este trabalho traga reflexões, provocações e um convite para que, no campo da educação, nos empenhemos na melhoria de vida das crianças negras que atendemos e com isso possamos criar espaços antirracistas e cuidadosos, berçários de autoestimas negras saudáveis e empoderadas. Ensaiei pensamentos e articulações a partir do vivido por mim, bem como minha relação com minha formação.

REFERÊNCIAS

BERTÚLIO, Dora Lúcia de Lima. Direito e Relações Raciais: uma introdução crítica ao racismo. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.

BRASIL. Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificando as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 de janeiro de 2003. BRASIL. Lei nº X, de DD de MMMM de AAAA. Título. Diário Oficial da União, DD de MMMM de AAAA

CHAVIS, A.; JOHNSON, D. H. Internalized Racism and Racial Self-Identity Formation in Black Children. Pediatrics, v. 152, n. 2, 5 jul. 2023. Acessado em: <<https://publications.aap.org/pediatrics/article/152/2/e2023061292/192499/Internalized-Racism-and-Racial-Self-Identity?autologincheck=redirected>> Acesso em: 1 dez 2024

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogos/os. Brasília: CFP, 2017.

DIAS, I.A.A. Sorriso Negro: Trabalhando autoestima de alunos negros na Educação Infantil. 50f. Monografia de graduação. (Pedagogia - Licenciatura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, São Leopoldo, 2010. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/142840>> Acesso em: 1 dez 2024.

EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 59, DE 2009. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2009/emendaconstitucional-59-11-novembro-2009-592136-norma-pl.html>> Acesso em: 1 dez 2024.

FANON, F.; KILOMBA, G.; (NKOSI), F. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo. Editora Ubu. 2020.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARCÍA, J. A. MORALES. É possível apagar as lembranças traumáticas do cérebro? BBC, 22 jan. 2023. Original em Espanhol ¿*Tiene nuestro cerebro un botón para borrar los malos recuerdos?* Universidad Complutense de Madrid. 30 novembro.2022. Disponível em: <<https://theconversation.com/tiene-nuestro-cerebro-un-boton-para-borrar-los-malos-recuerdos-19485430>>. Acesso em: 1 dez. 2024. Acesso em : <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-64143909>>. Acesso em: 1 dez 2024.

Gee GC, Walsemann KM, Brondolo E. A life course perspective on how racism may be related to health inequities. *Am J Public Health*. 2012;102(5):967–974

Google ScholarCrossref PubMed in CHAVIS, A.; JOHNSON, D. H. Internalized Racism and Racial Self-Identity Formation in Black Children. *Pediatrics*, v. 152, n. 2, 5 jul. 2023. Acessado em: <<https://publications.aap.org/pediatrics/article/152/2/e2023061292/192499/Internalized-Racism-and-Racial-Self-Identity?autologincheck=redirected> > Em: 1 dez 2024.

Guia do Estudante Abril. “Preciosa – Uma História de Esperança”: utilize o filme no vestibular. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/preciosa-uma-historia-de-esperanca-utilize-o-filme-no-vestibular/>>. Acesso em 1 dez.2024.

HARRIS-BRITT, A. et al. Perceived Racial Discrimination and Self-Esteem in African American Youth: Racial Socialization as a Protective Factor. *Journal of Research on Adolescence*, v. 17, n. 4, p. 669–682, 7 dez. 2007. Disponível em: <[Perceived Racial Discrimination and Self-Esteem in African American Youth: Racial Socialization as a Protective Factor - PMC](#)> Acesso em: 22 Jul 2024.

HOLLANDA, Chico Buarque de. Roda viva - música, 1968. São Paulo. RGE. 1968. LP. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45167/>>| Acesso em: 1 dez.2024.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante. 2021.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Agências de Notícias. Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>> Acesso em: 1 dez 2024

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 2004.

Kilomba, Grada. Grada Kilomba: imagens, palavras e símbolos que mudam de lugar. Disponível em: <<https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/gradakilombaimagenspalavrasesimbolosquemudamdelugar/>> Acesso em: 1 dez 2024.

Kilomba, Grada. Grada Kilomba: “O racismo está sempre se adaptando ao contemporâneo”. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/gradakilomba/>>. Acesso em: 1 dez 2024.

LIMA, A. P. ‘As escolas de hoje fabricam crianças com baixa autoestima’, diz neurocientista e psicopedagoga. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/entrevista/as-escolas-de-hoje-fabricam-criancas-com-baixa-autoestima-diz-neurocientista-e-psicopedagoga-1.1008127>>. Acesso em: 1 dez 2024.

MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador. 2ª edição (trad. Marcelo Jacques de Moraes). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MENEZES, D. O. de .; ASTIGARRAGA, A. A. . Trajetória de vida e educação: : narrativa (auto)biográfica de uma estudante de pedagogia. Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, [S. l.], v. 4, n. 1, 2023. DOI: 10.18227/2675-3294repi.v4i1.7902. Disponível em: <<https://revista.ufrb.br/repi/article/view/7902>> . Acesso em: 1 dez 2024.

MOREIRA, Adilson José. Letramento Racial uma proposta de reconstrução da democracia brasileira. São Paulo: Editora Contracorrente, 2024.

PASSEGGI, M. DA C.; SOUZA, E. C. DE; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. Educação em Revista, v. 27, n. 1, p. 369–386, abr. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/?format=pdf>> Acesso em: 1 Dez 2024.

POLÍTICO, J. Juízes não seguem o STF e barram cotistas em concursos de universidades com três vagas ou menos. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/10/01/juizes-nao-seguem-o-stf-e-barram-cotistas-em-concursos-de-universidades-com-tres-vagas-ou-menos.ghtml>>. Acesso em: 1 dez 2024.

PRECIOSA: Uma História de Esperança. Direção de Lee Daniels. Produção de Lee Daniels. Roteiro: Geoffrey Fletcher. E.U.A.: Lee Daniels Entertainment, 2009. (110 min.), son., color.

RAWLS, John. Uma Teoria da Justiça. (trad. Almiro Pisetta, Lenita Esteves). São Paulo: Martins Fontes, 2000.